

A formação de educadores em ONGs: o papel do coordenador pedagógico



Este documento compartilha aprendizagens e a produção dos participantes das **Oficinas de Sistematização da Prática Educativa CASA7**, realizadas em Recife - PE, no segundo semestre de 2012, como parte do Programa de Fortalecimento Institucional (parceria com o FICAS e o Instituto C&A).

As Oficinas de Sistematização da Prática Educativa CASA7 foram realizadas no período de julho a dezembro de 2012, dirigidas a 21 coordenadores pedagógicos (e convidados) que representaram 14 organizações sociais de Recife - PE. As oficinas tiveram o intuito de oferecer subsídios e instrumentos para apoiar processos de reflexão permanente sobre a prática educativa, buscando:

- ❖ Debater a importância da incorporação de uma cultura de aprendizagem como forma de aprimorar a prática educativa.
- ❖ Discutir a sistematização de experiências como um dispositivo de aprendizagem.
- ❖ Exercitar as etapas da sistematização de experiências.
- ❖ Produzir/socializar textos de autoria dos coordenadores/educadores como referência para organizações parceiras.

PROGRAMA DE
FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL





A CASA7 - Memórias e Aprendizagens é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2006, com a missão de contribuir para o fortalecimento da prática social e de seus atores pela via da valorização e articulação das memórias, aprendizagens e conhecimentos que dela derivam.

Os Cadernos da Prática são publicações do Programa Compartilhe (www.casa7.org.br).

ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES	NOME
Aldeias Infantis SOS Brasil	Manoel Antunes Souza de Araújo
	Simonise José da Silva
Associação Cultural Esportiva Social Amigos (ACESA)	Fábio Rogério R. da Silva
	Mayara Ferreira de Barros
Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente (AACA)	Daniel José da Silva Gregório
Auçuba Pesquisa e Documentação	Michela Janaina Albuquerque de Sá
	Paula Ferreira da Silva
Casa de Passagem Ana Vasconcelos	Jaciara Santos Arruda
	Gicélia Domingos C. Souza
Centro de Organização Comunitária Chão de Estrelas	Grinauria José Santana dos Santos
Centro de Reabilitação e Valorização da Criança (CERVAC)	Mauricea Santiago da Silva
Conselho dos Moradores do Sítio e Alto do Rosário (COMSAR)	Eliane da Luz Silva
Em Cena Arte e Cidadania	Mieja Chang
Fundação Fé e Alegria - Brasil Pernambuco	Geize Jeane Gomes de Araújo
	Marianna Accioly da Rocha
Grupo Ruas e Praças	Solange Maria da Silva Bezerra
Instituto Maria Madalena Oliveira Cavalcante (IMMOC)	Bruno dos Santos Barbosa
	Zolane Lopes Farias
Movimento de Apoio aos Meninos de Rua (MAMER)	Ana Karina Maciel de Lima
Movimento de Assistência e Inclusão Social - Consultoria Social	Erika Regina Correia
	Fernanda Correia Ribeiro de Souza



O Processo Formativo: a formação de educadores como objeto da sistematização

A formação consistiu em seis oficinas presenciais teórico-práticas, combinadas ao apoio e acompanhamento on-line e individual das produções dos participantes nos períodos entre oficinas. Considerando **um grupo formado prioritariamente por coordenadores pedagógicos**, a **formação de educadores** foi o tema escolhido para orientar a prática da reflexão e sistematização das experiências do grupo. Os participantes se engajaram na reflexão sobre o papel do coordenador pedagógico em organizações não governamentais; na contextualização da formação em cada organização; no ordenamento, ou mesmo construção, de um projeto de formação permanente de educadores; na construção de pautas de observação; no registro e reflexão de suas etapas de execução; no levantamento de aprendizagens; e, por fim, na construção de sínteses sobre o caminho percorrido e de propostas para a socialização da experiência.

A sistematização de experiências foi tratada como um dispositivo de registro, síntese e reflexão a serviço da formação, já que propicia um processo permanente e inter-relacionado de produção de conhecimento a partir das experiências concretas dos atores sociais.

Entre os propósitos centrais da sistematização estão: aprimorar a prática, reafirmar a autoria dos profissionais da ação, impulsionar processos formativos e de comprometimento, construir conhecimento para a ação, consolidar teórica e metodologicamente a área social, facilitar a transição entre o conhecimento privado e individual e o conhecimento organizado e socializável, criar condições para potencializar os efeitos da prática social (MEIRELLES, 2012, p. 155).

As questões e conteúdos em comum

Além das experiências e reflexões produzidas por cada participante ao longo das oficinas, as questões relativas à formação de educadores (como objeto da sistematização) e às propostas da sistematização (como dispositivo de formação) foram também tratados em uma perspectiva coletiva. Consolidados pela CASA7 e debatidos durante os encontros presenciais, os temas destacados abaixo evidenciam as principais preocupações deste grupo de profissionais no desenvolvimento de uma política institucional de formação continuada de seus educadores. **Indicam, portanto, aspectos a serem considerados e aprofundados por aqueles que se dedicam a aprimorar suas práticas educativas.**

1. O papel do coordenador pedagógico: dilemas e perspectivas

Que condições são criadas para a reflexão sobre a prática educativa na sua organização? Está presente uma cultura de aprendizagem? Que papel o coordenador pedagógico tem desempenhado na criação destas condições?

A reflexão inicial dos participantes acerca do papel que desempenham como coordenadores pedagógicos nas organizações, e do papel que gostariam, de desempenhar mostrou:

- ❖ É preciso construir processos de formação continuada de educadores para além do investimento feito hoje, caracterizado, na maioria das vezes, como uma somatória de ações pontuais e sem intencionalidade formativa clara. É preciso colocar na agenda das organizações a reflexão sobre concepções de formação permanente que pressupõem a articulação da proposta formativa aos contextos de trabalho e que tomam a prática como objeto de estudo. A construção deste debate e de uma rotina formativa deveria ser parte integrante do papel do coordenador pedagógico nas organizações sociais, quando eles estão presentes.
- ❖ Em função da variedade de propostas educativas oferecidas ao público-alvo das organizações, são exigidas diferentes expertises. É preciso planejar também formações específicas de acordo com a necessidade de cada tipo de educador.
- ❖ Outro aspecto que pareceu fundamental aos participantes, e parte integrante do papel do coordenador pedagógico, foi a importância da construção do grupo de educadores em cada organização: a consideração quanto às expectativas dos grupos com os quais trabalham; a atenção ao relacionamento interpessoal e à gestão de conflitos.
- ❖ Também é importante garantir o acompanhamento da equipe de forma sistêmica, valorizando o potencial, as habilidades e competências de cada educador. O coordenador pedagógico também tem um papel a exercer como observador e na escuta, para que possa captar os desafios, as demandas e potencialidades de cada educador de sua equipe. Por fim, cabe ao coordenador pedagógico incentivar os educadores a avançarem em seus estudos, valorizando tanto o saber científico como o saber popular.

Para que estes propósitos se realizem, parece fundamental a construção do papel do coordenador com foco maior no pedagógico. A prática mostra que, em geral, estes profissionais vêm assumindo múltiplas funções, incluindo administrativas e gerenciais, o que pode inviabilizar o engajamento na formação de educadores e no aprimoramento da prática educativa. Além disto, é preciso investir na própria formação (estudos), na pesquisa e na construção metodológica, assim como na criação de tempo/espço para atividades pedagógicas e reflexivas.

PRODUÇÃO DE PARTICIPANTE DO GRUPO - O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente (AACA)

Por Daniel José da Silva

O papel do coordenador pedagógico

Dia um de maio de 2000, foi este o dia, mês e ano em que recebi o convite para integrar a equipe de trabalho da Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente (AACA) por um período de trinta dias, durante as férias de um dos funcionários da instituição.

Para a minha surpresa, passados os trinta dias, recebi o convite para permanecer no projeto devido à necessidade de ter mais uma pessoa no quadro de pessoal. Durante esses 12 anos em que estou na instituição, assumi diversas funções relacionadas a futebol, informática, formação cristã, reforço escolar. Em janeiro de 2007, a coordenação administrativa, juntamente com a coordenadora pedagógica que estava deixando o projeto, escolheram-me para conduzir os trabalhos pedagógicos, esportivos, culturais e formativos da instituição. Aceitei o desafio de coordenar a equipe e as ações do projeto, sentindo-me seguro para tal incumbência pela vivência e experiência adquiridas ao longo dos anos em que me encontrava na instituição e por conhecer cada um dos que estavam ali comigo.

Infelizmente, no atual contexto das organizações da sociedade civil, temos passado por muitas dificuldades no dia-a-dia do trabalho, nas atividades que realizamos, pois ainda nos falta muito para darmos a qualidade necessária ao que fazemos, seja com nossos educandos, ou com nossos educadores e instrutores, devido à falta de recursos didáticos, tecnológicos, materiais, humanos - o que fatalmente implica no recurso financeiro para resolver essas necessidades. Sendo assim, dentro do nosso espaço de trabalho, acabamos acumulando diversas tarefas e ficamos impedidos de voltar a nossa atenção para o que realmente é o nosso compromisso, nossa tarefa real.

Como coordenador pedagógico, tenho desempenhado muitas atividades no projeto que poderiam ser atribuídas a outros profissionais. Para dedicar-me com maior empenho na pesquisa, leituras, cursos, para construir uma pauta formativa para educadores e instrutores da instituição com acompanhamento e orientações. Uma pauta formativa contínua, sistemática, dialógica para podermos refletir sobre as nossas práticas, metodologias e avaliações.

Com a oportunidade de fazer o curso de Fortalecimento Institucional oferecido pelo FICAS e a CASA7, temos refletido sobre a importância de construir uma pauta formativa para nossos formadores e educandos, diferentemente de como vínhamos fazendo até o momento.

PRODUÇÃO DE PARTICIPANTE DO GRUPO - O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Aldeias SOS Brasil

Por Manoel Araújo

O papel do coordenador pedagógico

O coordenador pedagógico vem para ocupar um lugar estratégico dentro de uma instituição que trabalha com educação, pois o olhar dele pode facilitar e direcionar melhor as atividades executadas. Ele não trabalha de forma isolada, deve sempre ouvir e motivar a sua equipe, estar atento às dificuldades, de maneira a buscar as soluções, juntamente com o grupo. Deve também estar sempre em formação, nunca achar que está pronto, pois na dinâmica do dia-a-dia, muitas coisas acontecem no mundo e o que era de um jeito hoje, amanhã pode ir por terra. Por isso é que não só o coordenador, mas todos os educadores devem se atualizar sempre nesse mundo com tantas mudanças.

De repente tudo é colocado nas mãos do coordenador, acha-se que ele pode resolver todos os problemas. Na verdade, os papéis se confundem no decorrer do percurso e o coordenador pode muito bem se perder dentro de um processo, achar que pode tudo e trocar os pés pelas mãos, sabendo que, ao administrar esses conflitos pessoais, pode acabar cometendo erros.

2. A importância da contextualização

Que sentidos estão sendo atribuídos ao processo formativo?

O exercício de construir (em conjunto com os demais educadores das organizações) a linha do tempo com os principais marcos da prática formativa, dando a eles sentido em cada contexto histórico da prática social no Brasil, possibilita a identificação das diferentes concepções de formação contidas no percurso de cada organização participante. É por esta via que os marcos conceituais, bem como as necessidades formativas em cada contexto, podem ser iluminados e aprofundados com o coletivo, de modo a estabelecer os eixos centrais dos projetos de formação atuais.

Entre eles, os diferentes coordenadores destacam:

- ❖ Fundação da organização; início das atividades do projeto (formação inicial)
- ❖ Construção metodológica do processo de formação
- ❖ Composição da equipe; ampliação do quadro de funcionários; mudanças de equipe
- ❖ Mudança na gestão da instituição; na coordenação pedagógica
- ❖ Composição do Conselho Pedagógico (institucionalidade)
- ❖ Adoção de um novo olhar sobre o trabalho (exemplo: prevenção)
- ❖ Mudanças na infraestrutura e nos recursos disponíveis
- ❖ Introdução de novas temáticas / novas linguagens / novos projetos (ampliação ou alteração no escopo da formação)
- ❖ Projetos específicos / demandas externas (exemplo: exigência dos financiadores)
- ❖ Avaliação dos educadores
- ❖ Ocupação de espaços de controle social
- ❖ Engajamento em movimentos sociais nacionais
- ❖ Adequação a novos cenários políticos e a novo marco legal
- ❖ Articulação com políticas públicas

PRODUÇÃO DE PARTICIPANTE DO GRUPO - MARCOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Grupo Ruas e Praças

Por Solange Maria da Silva Bezerra

Contextualização do Grupo Ruas e Praças - 1987

Cenário de muita violência contra crianças e adolescentes, com atuação muito forte de grupos de extermínio. Inquietos diante deste contexto, um grupo de quatro educadores iniciou um processo de estudo e articulação junto ao Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR), em busca de alternativas para combater a violência contra crianças e adolescentes.

Curso de Formação para Educadores

Após a constituição oficial do Grupo Ruas e Praças (1989), os educadores participaram do curso de formação promovido pelo centro de formação do MNMMR, realizado em quatro módulos distribuídos por dois anos. Os temas abordados no curso foram: conhecimento; a sociedade como totalidade; o papel dos movimentos sociais na sociedade; a arte e a cultura como elementos de construção da cidadania; qual o meu projeto político pedagógico; limites x prática educativa; o uso da cola e seus efeitos; o educador social e abordagem de rua.

Ampliação do Trabalho Pedagógico

Criação do Centro Educacional Vida Nova (espaço de acolhida provisória), localizado a 80 km do Recife, na cidade de Caçora (PB). Esse espaço foi resultado da necessidade e do desejo das crianças e adolescentes em terem um lugar onde eles pudessem experimentar uma vida nova longe das ruas, das drogas e da violência. Ocorreram vários estudos e articulações com grupos afins para organização dessa proposta de acolhimento, pois tínhamos clareza de que não queríamos ser simplesmente mais um abrigo e sim um lugar que lhes dessem condições para a construção de um novo projeto de vida.

Integração do Centro da Cidade - 1988

Articulação da sociedade civil organizada e do poder público na perspectiva de proporcionar o atendimento integral às crianças e adolescentes, buscando a complementaridade das ações. Nesse contexto, um ponto de conflito era a discussão sobre a importância do reconhecimento do saber popular, ou seja, a relação entre teoria e prática, pois havia uma supervalorização do saber teórico em detrimento da prática dos educadores.

Projeto Retome Sua Vida - 1990

Foi um projeto que agregava a sociedade civil e o poder público no âmbito estadual, que tinha como objetivo articular e fortalecer as diversas experiências nas comunidades, com foco na prevenção voltada para crianças e adolescentes em situação de violência.

Aprovação do Estatuto da Criança e Adolescente (Lei N. 8.069/90) - 1991

Com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, as organizações da sociedade civil ganharam um novo papel diante das políticas públicas, se fazendo necessário um processo de formação para ocupar os espaços dos conselhos de direito. As ONGS estariam na coordenação da formulação de políticas e não mais nas reivindicações. O Ruas e Praças foi uma das organizações que precisou se preparar para esse novo cenário político.

Projeto Malandro Sem Camisinha Não Dá - 1996

Nesse momento, as DST/AIDS se proliferavam e as crianças e adolescentes em situação de rua constituíam um grupo de risco. Diante disso, o centro de formação de educadores do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua realizou uma formação para os educadores que atuavam diretamente com o público de risco.

Articulação com o Poder Público Municipal - 2001

Implementação do trabalho de educação de rua por parte da Secretaria de Assistência Social.

IASC - 2005

Participar da formação em Fortalecimento Institucional / Programa Aliança Interação foi uma oportunidade fundamental para a equipe do Ruas e Praças, pois estava sendo finalizado um projeto de cooperação financeira de mais de dez anos e que garantia todo o programa do Centro Educacional Vida Nova. O processo formativo nos proporcionou um novo olhar frente à sustentabilidade e à mobilização de recursos.

Projeto mobilizar - 2007

Processo de formação que contemplou a mobilização de recursos, o planejamento estratégico e a revisão/atualização do estatuto institucional.

3. A construção do projeto de formação de educadores

Quais são as expectativas de aprendizagem?

Qual é a minha intencionalidade educativa?

Como uma das primeiras etapas da sistematização da prática formativa nas organizações participantes, o grupo foi convidado a descrever sua prática por meio do ordenamento das ações existentes em forma de um projeto de formação de educadores: contextualização da prática atual; caracterização dos educadores; objetivos e metas; expectativas de aprendizagem; conteúdos da formação; etapas de desenvolvimento; tempo de duração; materiais e recursos necessários; avaliação. Vale notar que, para grande parte do grupo, este momento tratou mais de prospectar uma proposta formativa do que de descrever as ações existentes. Os pontos em comum, ou recorrentes, do conjunto dos projetos estão destacado abaixo e esboçam um retrato das principais necessidades nas ONGs:

Objetivos

A implementação de processos de formação de educadores (inicial, continuada e permanente) foi o objetivo central apontado pelos participantes. Entre os objetivos específicos, destacam-se: a construção de espaços para pesquisas, estudos, reflexão, registro, avaliação, sistematização da prática pedagógica; o fortalecimento e a sistematização da prática educativa; a construção de espaços de troca, o fortalecimento e o alinhamento de conhecimento entre os educadores; a criação de momentos de reflexão e avaliação; o alinhamento, a definição e o planejamento das atribuições relacionadas às atividades dos educadores sociais da organização; a identificação de vulnerabilidades e o desenvolvimento de estratégias de ação para superá-las.

Conteúdos

Os conteúdos destacados pelo grupo enfatizaram o papel do educador (sua identidade profissional), seu papel no acompanhamento e apoio ao trabalho da equipe técnica e da rede socioassistencial; sua importância nas relações interpessoais; e os instrumentos que devem fazer parte de sua prática cotidiana (planejamento, monitoramento e avaliação).

Além do papel do educador, outros conteúdos de formação destacados pelo conjunto dizem respeito aos marcos conceituais: educação e realidade social; concepção de jovens; concepção de competências; desenvolvimento e aprendizagem; processo de ensino e aprendizagem; educação popular / saber popular; educação de rua; relação teoria-prática; ética profissional; ludicidade no desenvolvimento da prática educativa; relações interpessoais; planejamento e visão de futuro. Como conteúdos específicos destacam-se: comunicação, arte, tecnologia, cidadania, drogas (efeitos, tratamento e equipamentos governamentais), assistência social.

Com relação às metodologias e estratégias educativas, também aparecem como conteúdos de formação: questões da didática e estratégias de aprendizagem, instrumentos (pauta de observação em grupos diversificados; registros) e dispositivos de reflexão (sistematização; avaliação).

Por fim, os desafios a serem enfrentados também foram tratados como conteúdos formativos: como desenvolver o trabalho com turmas multisseriadas; como garantir a diversidade e a interdisciplinaridade; como incorporar a tecnologia nas atividades; como formar os educadores voluntários; e como trabalhar com níveis diversos de saberes.

Estratégias gerais

As estratégias delineadas para a formação continuada de educadores envolveram, em síntese:

- ❖ A criação de tempos e espaços para atividades formativas na própria organização (encontros mensais; encontros semanais com duração de 4 horas; reuniões semanais para socialização e acompanhamento; encontros temáticos; trabalhos em grupo para exposição e individual; oficinas com exposição teórica e dinâmicas; convite a especialistas e facilitadores, com o objetivo de compartilhar seus conhecimentos acadêmicos etc.).
- ❖ Práticas e uso de instrumentos de diagnóstico, acompanhamento, observação, registro, reflexão, socialização e avaliação (observações diárias; registro e socialização das atividades; avaliação permanente das atividades; apresentação de relatórios mensais; estudos de caso; pesquisa de perfil de educadores etc.).
- ❖ Participação em cursos e congressos.

Avaliação

Para avaliação dos projetos de formação foram prospectados instrumentos como planejamento e programação das atividades; fichas de frequência; elaboração do material docente (planos de ensino, aulas, fichas); participação dos educadores em eventos acadêmicos; produção de materiais pedagógicos; fichas e sistematização das avaliações dos usuários sobre a prática dos educadores. Os critérios avaliativos enfatizaram o compromisso e o respeito com os alunos; o compromisso na entrega de planejamentos mensais e tarefas; a atuação na sala de aula, buscando novas dinâmicas e criatividade; a assimilação dos conteúdos estudados; a autoavaliação e a avaliação do Coordenador Pedagógico.

Segundo os participantes das Oficinas de Sistematização da Prática Educativa CASA7, um bom projeto de formação de educadores:

- ❖ Parte de um diagnóstico (conhecer a organização e o grupo de educadores);
- ❖ Investe na construção coletiva da proposta;
- ❖ Alinha expectativas;
- ❖ Tem clareza das concepções de formação continuada;
- ❖ Define com propriedade os objetivos e resultados esperados, bem como as prioridades;
- ❖ Parte das potencialidades existentes;
- ❖ Tem intencionalidade educativa;
- ❖ Trata de temas sensíveis à organização;
- ❖ Inclui sempre avaliação e acompanhamento;
- ❖ Cria uma cultura de aprendizagem na organização.

PRODUÇÃO DE PARTICIPANTE DO GRUPO - SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Em Cena Arte e Cidadania

Por Mieja Chang

Sequência didática: como elaborar um Projeto de Formação de Educadores

Objetivo

Elaborar um Projeto de Formação de Educadores a ser apresentado à equipe da Em Cena Arte e Cidadania. Uma vez analisado, discutido e aprovado pelo grupo, a ideia é implementá-lo nos encontros pedagógicos no ano de 2013.

Conteúdos

Projeto de Formação de Educadores

Tempo estimado: 4 tardes

Material necessário: *textos norteadores sobre o tema; sala com computador; registros das oficinas anteriores.*

Desenvolvimento

Momento 1:

Leia os textos disponíveis e resgate as anotações realizadas do encontro anterior com a CASA7. Observe a sugestão de roteiro para a construção do projeto de formação e inicie a produção escrita das suas ideias. Procure desenvolver os itens com calma, revisitando textos e exemplos quando for necessário. Inicie situando qual o contexto sociocultural da organização, o nome da equipe com suas respectivas funções. Indo um pouco mais além, inicie os objetivos (o que você quer?) e metas (aonde quer chegar?).

Momento 2:

Releia o que já foi produzido. É provável que já vá fazendo algumas correções! O objetivo deste momento é refletir e produzir algo escrito sobre as expectativas de aprendizagem. Lembrando que é tanto para os professores, quanto para os alunos/as. Caso surja dúvida sobre este item, responda à frase: “eu quero que os professores/alunos aprendam a...”. Isso facilitará bastante o seu trabalho! A partir disto, desenvolva as suas expectativas, devendo ter cuidado em relacionar o tripé professor/aluno/conteúdos. Por fim, faça as etapas de desenvolvimento, que correspondem à distribuição dos conteúdos no intervalo de tempo que optar.

Dica: compartilhe com os colegas de equipe o material produzido até o momento. Isso pode te ajudar e acrescentar algo que não tinha pensado!

Momento 3:

A ideia é ir finalizando o projeto. Releia o material produzido e faça uma revisão geral. Observe se está com objetivos e conteúdos claros. Caso tenha recebido sugestões da equipe, observe se há coerência/pertinência em introduzi-las no projeto, não perdendo o foco do trabalho. Responda às questões que ainda faltam: tempo de duração, aplicabilidade e avaliação.

Momento 4:

O Projeto de Formação de Educadores deve estar quase finalizado. O ideal neste momento é que se faça uma revisão geral, alterando algo que não tenha ficado claro, pontuando algumas questões inacabadas, enfim, é o momento de deixá-lo mais coeso.

Avaliação

O Projeto de Formação de Educadores pode ser analisado por um profissional qualificado, que trará informações importantes para aprimorá-lo. Na devolutiva, reflita sobre os comentários enviados, buscando melhorar sempre a sua prática enquanto coordenador pedagógico. Reveja os tópicos do projeto, lembrando sempre que nenhum conhecimento é cristalizado. Nem projetos, nem planejamentos. Sempre é tempo de mudanças e revisitações!

PRODUÇÃO DE PARTICIPANTES - TRECHO DE PROJETO DE FORMAÇÃO (CONTEXTUALIZAÇÃO E OBJETIVOS)

Instituto Maria Madalena Oliveira Cavalcante - IMMOC

Por Zolane Lopes Farias, com a colaboração de Daniel Silva (AACA)

Projeto de Formação Continuada para Educadores 2012

Apresentação

O Instituto Maria Madalena de Oliveira Cavalcante (IMMOC) nasceu da reflexão dos colaboradores da JBR Engenharia Ltda. sobre as questões sociais da contemporaneidade. Na perspectiva de assumir uma responsabilidade social, as ações do Instituto desenvolveram-se dentro de uma filosofia que privilegia um modelo de gestão que defende uma melhor qualidade de vida para a comunidade de seu entorno, como extensão dos princípios vivenciados dentro da empresa. Compreende-se que a Responsabilidade Social Empresarial cabe aos diversos atores e seus respectivos setores, tais como clientes de empresas, parceiros, fornecedores, governos, entidades de classe, ONGs, meios de comunicação e comunidade em geral, pois não é só uma questão de cumprir a legislação, desenvolver bons produtos e gerar lucros. Vai além dessas necessidades, representa um compartilhar com a formação e o exercício da cidadania.

O IMMOC foi fundado em 18 de novembro de 2002, como uma entidade sem fins lucrativos que, de modo planejado e estruturado, realiza ações cidadãs, visando promover transformações sociais nas comunidades para a melhoria de sua qualidade de vida.

Referenciais Institucionais

- *Missão institucional: Contribuir para a transformação social através do desenvolvimento de adolescentes e jovens.*
- *Vocação institucional: Favorecer processos educativos e integração digital com carinho, respeito e vontade de fazer.*
- *Sustentabilidade institucional: Vontade de fazer com solidariedade e dedicação, visando à transformação social.*
- *Foco institucional (Objetivo Geral): Possibilitar o desenvolvimento de adolescentes e jovens em situação de risco social para a inserção no mundo do trabalho.*

Contexto

O IMMOC tem por objetivo contribuir para a transformação social através do desenvolvimento de adolescentes e jovens. Tem como um de seus princípios a disseminação e o estímulo a ações estruturadas de voluntários, de pessoas físicas e jurídicas. O quadro de associados e voluntários é composto por profissionais de diversas áreas de atuação, como administradores, engenheiros, psicólogos, técnicos, entre outros, podendo ser aberto aos interessados que tenham como objetivo o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens através da assistência social e o desenvolvimento e manutenção da integridade do Instituto. A sua sustentabilidade é obtida por meio de doações financeiras de pessoas físicas e jurídicas, ações voluntárias e pela empresa mantenedora a JBR Engenharia Ltda. Sendo assim, os educadores sociais são todos voluntários de diversas áreas de atuação.

Justificativa

Por trabalhar apenas com voluntários, o IMMOC nunca antes pensou em elaborar uma formação continuada para seus educadores. Os voluntários passavam pelo alinhamento institucional, que abordava o entendimento da causa, ou seja, juventude, educação e o mundo dos negócios.

Hoje, passando pelo Programa de Fortalecimento Institucional, fomos estimulados a desenvolver ações para possibilitar um alinhamento e um espaço de trocas entre todos os educadores e a instituição, visando melhorar os resultados de nossas práticas educacionais.

Objetivo

Possibilitar um espaço de troca, fortalecimento e alinhamento de conhecimento entre os educadores.

Objetivos Específicos

- *Possibilitar momentos de reflexão e avaliação.*
- *Possibilitar um espaço de pesquisa e trocas de saberes sobre os processos educativos.*
- *Construir laços de parceria e despertar a consciência de seus papéis.*

Público

Educadores sociais voluntários que atuem na linha de ação da juventude no IMMOC.

4. Os instrumentos metodológicos

A observação, o foco, o olhar

O que é a pedagogia do olhar?

O que olhamos? Nosso olhar confirma ou revela?

Vemos somente a partir dos nossos filtros anteriores, nossas hipóteses, nossos desejos?

De que lugar olhamos?

Sempre que a proposta formativa está sustentada na ideia da reflexão permanente sobre a prática educativa, tomada como objeto de análise, ganha importância a aprendizagem sobre o olhar e sobre os focos de observação da própria atuação (coordenadores e educadores). A pauta de observação (a ser construída em conjunto com os educadores) foi tomada como um dos instrumentos que ajudam a orientar o olhar observador e analítico sobre a prática.

PRODUÇÃO DE PARTICIPANTES - PAUTA DE OBSERVAÇÃO CONSTRUÍDA PELO GRUPO

❖ **O foco no formador / educador**

- Demonstrou conhecer o grupo?
- Tinha planejamento? Intencionalidade educativa? Prioridades? Pauta de formação?
- Alinhou as expectativas?
- Explicitou o referencial teórico utilizado?
- Que metodologia utilizou? Como abordou / desenvolveu a temática e os conteúdos?
- Que recursos didáticos foram utilizados?
- Ambientação: como organizou o espaço e as atividades?
- Demonstrou sintonia com o conteúdo?
- Como interagiu com o grupo?
- Como reagiu frente às dificuldades? E às facilidades?
- Como estabeleceu a relação? Atitudes, postura, linguagem e gestos?
- Considerou as dificuldades individuais?
- Como lidou com divergências?
- O que ajudou? O que não ajudou?

❖ **O foco na dinâmica do grupo**

- Como participaram? Estavam interessados / envolvidos?
- Como reagiram diante das propostas apresentadas?
- Participaram das atividades práticas?
- Como o grupo interagiu? Em que ritmo? Facilidades e dificuldades de trabalhar em grupo?
- Que papéis foram exercidos?
- Apareceram momentos de tensão, silêncios etc.?
- Como o grupo expressou divergências e concordâncias?

❖ **O foco na aprendizagem individual e/ou coletiva**

- Como reagiram diante dos conteúdos e temas apresentados?
- O que demonstraram aprender?
- Mostraram interesse pelos conteúdos tratados?
- Que dúvidas sobre o conteúdo manifestaram?
- O que pareceu mais significativo para eles? Por quais aspectos se interessaram? Que temas pareceram mais importantes para eles?
- Desenvolveram novas competências e habilidades coletivas?
- Quais as dificuldades em relação à aprendizagem?

Registro

Qual a diferença entre o registro, a documentação, o julgamento?

Exercitar o registro escrito permite tomar a própria prática como objeto de análise, pesquisa e aprendizagem. Mas além de entender o registro como uma narrativa do que aconteceu (um diário pessoal que traz descrições detalhadas sobre o que foi vivenciado em cada atividade educativa), há alguns passos posteriores que podem contribuir para potencializar o uso desse instrumento em processos de formação e na reflexão sobre a prática, por exemplo: comparar diferentes situações, observar regularidades, ver o invisível, além de sempre considerar o planejamento no qual a atividade está inserida. Os participantes do grupo, além de exercitarem a escrita de registros, solicitaram a educadores de suas organizações para que escrevessem registros de suas práticas educativas e depois prepararam devolutivas sobre essas produções.

PRODUÇÃO DE PARTICIPANTES DO GRUPO - REGISTRO DA PRÁTICA EDUCATIVA E DEVOLUTIVA

Centro Brasileiro da Criança e do Adolescente - CBCA Casa de Passagem Ana Vasconcelos

Por Jaciara Arruda e Gicélia Souza

Registro da prática de educadora social

A atividade registrada diz respeito à aplicação da Metodologia Comunitária na comunidade de Paratibe, em Paulista. O objetivo do encontro foi construir e identificar a rede primária e secundária, para que todos pudessem ter uma compreensão de quem são os atores sociais da sua comunidade e como eles, enquanto redes primárias e secundárias, podem interagir para o desenvolvimento comunitário e a parceria com a rede terciária.

A comunidade foi informada uma semana antes do encontro, no qual estiveram presentes em sua maioria mulheres e apenas um homem. A educadora foi calorosamente cumprimentada e cumprimentou a todos os presentes cantando “olá como vai, eu vou bem e vocês vão bem também...”. Todos riram e disseram que estavam bem. Em seguida todos sentaram e a educadora perguntou como tinha sido o fim de semana e se tinham algo que desejavam compartilhar naquele momento. Uma das mulheres presentes disse que estava passando por uma situação desagradável e que precisava compartilhar com os presentes: “eu estou com problemas com minha vizinha, ela anda me soltando pilheria... preciso da ajuda do grupo, pois estou muito triste”. O grupo a escutou com respeito e pediu para que ela explicasse o que estava acontecendo.

Ela relatou: “todas as vezes que eu saio da minha casa, essa moça fica dizendo que fico falando da vida dela e eu não tenho esse hábito de falar da vida dos outros, eu apenas gosto de ficar conversando com minhas vizinhas quando tenho tempo. Ela que é toda desconfiada, não estamos falando dela”.

Ao terminar o relato, uma das mulheres falou: “e porque você está se incomodando com a desconfiança e o julgamento dela? É ela quem paga tuas contas? Ignore, não ligue”. Outra mulher falou: “não fique assim, eu já passei por isso e a maneira que encontrei para superar essa situação foi ignorando os insultos da minha vizinha e ela, então, cansou de me importunar”. Enquanto as mulheres falavam, ela chorava e, aos poucos, foi parando.

Depois perguntei a ela qual o sentimento que estava sentindo naquele momento pela vizinha que a destratou e ela falou: “não estou mais com raiva, entendi agora que estava dando muita atenção a esse acontecimento, me senti muito triste e percebo que existem outras pessoas que gostam de mim”. A educadora social agradeceu por ela ter compartilhado algo que a estava incomodado e ao grupo, por tê-la ouvido e contribuindo para seu alívio.

Em seguida, a educadora social pediu que todos levantassem e foi realizada uma dinâmica - a “dança do faça assim”:

cada um fazia um gesto e todos o repetiam, cantando “faça assim... faça assim... faça assim, como é bom fazer... faça assim... faça assim e agora é você”. E o grupo ria e imitava o outro. Foi um momento de descontração e alívio das tensões e interação do grupo.

E assim foi dada continuidade ao objetivo do encontro, com a exibição de um vídeo sobre solidariedade. Durante a exibição do vídeo, todos ficaram atentos e, em seguida, foi aberta uma roda para reflexão. Cada um falou o que entendeu sobre o vídeo e depois relataram que o mesmo pode ser colocado em prática na comunidade. Para uma boa relação na comunidade, é preciso que todos se conheçam e que haja respeito mútuo.

Foram distribuídas folhas de cartolina e canetas hidrocor para que, individualmente, fossem construídas as redes primárias. Depois cada componente apresentou a sua rede primária e, em seguida, foi compartilhado o aprendizado daquele dia por cada um dos componentes.

Após a fala do grupo, foi realizado um lanche coletivo com bastante alegria e descontração. Os componentes do grupo ajudaram a arrumar o lanche e foi confirmado o encontro da próxima semana.

Devolutiva do coordenador pedagógico ao registro feito pela educadora social

Parabéns pelo trabalho realizado e relatado! Continue assim! Gostei muito dos depoimentos apresentados, porém recomendo que seja mais detalhada a metodologia aplicada, em consonância com a missão institucional da Casa de Passagem e com a abordagem realizada nas reuniões e grupos de reflexão com os beneficiários.

A atividade registrada pela educadora social diz respeito à implementação da Metodologia Comunitária, que tem como objetivo o fortalecimento da rede socioassistencial e dos vínculos pessoais e comunitários dos atores sociais presentes na comunidade. As reuniões semanais são realizadas em grupo, quando a minoria ativa desempenha um papel de multiplicador do fortalecimento da rede Primária, Secundária e Terciária. A Rede Primária é identificada através de trabalhos em grupo e cada componente mapeia a sua rede individualmente. Esta atividade visa identificar as pessoas que fazem parte da rede individual (família, amigos e conhecidos) de cada um do grupo. A Rede Secundária é identificada em grupo, quando é mapeada a rede socioassistencial da comunidade (PSF, escolas, associações, igrejas creches). A atividade em grupo fortalece a comunidade na busca de resolução das questões sociais identificadas e, conseqüentemente, fortalece os atores sociais.

A atividade registrada faz parte do planejamento e das atividades cotidianas e de formação institucional com participação em grupos operativos e de estudos. O educador social utiliza em suas atividades a metodologia de Jacques Delore e de Paulo Freire conjuntamente, com participação nas terapias comunitárias sistêmicas. O educador social atua nas comunidades dos municípios de Camaragibe, Olinda, Paulista e Bonança/Moreno, participando das rodas de discussões e diálogos e articulando as minorias ativas nas comunidades.

PRODUÇÃO DOS PARTICIPANTES - UM BOM REGISTRO

Um bom registro...

é detalhado;

traz a fala dos participantes;

tem a presença do autor do registro;

descreve a intenção do autor, mas sem julgamento;

tem foco no educador e no educando;

tem começo, meio e fim;

explicita como a atividade foi finalizada.

Reflexão

*O que a prática revela?
Como transitar do particular para o geral?*

A sistematização foi destacada pelo grupo como um instigante processo de “construção e desconstrução”. Aquilo que já era dado como certo foi revisto e aquilo que nunca tinha sido considerado, foi incluído. É deste modo que padrões são revelados, processos internos e externos são integrados, o que permite a experimentação de novos lugares, novas posturas. Refletir sobre a prática possibilita exercitar novos questionamentos e, assim, ser levado a um lugar novo, em que acertos e erros conduzem ao aprendizado. Neste lugar, cada um é autor e, neste sentido, pode ser referência, sempre que se dedicam a criar conceitos mais gerais que possam servir a outras situações, transitando, deste modo, do particular para o geral.

REFLEXÃO FINAL DO GRUPO - O QUE APRENDEMOS SOBRE O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO? QUAIS AS RECOMENDAÇÕES?

Papel e funções do coordenador pedagógico

Na atual conjuntura das organizações, discutir e aprofundar o papel do coordenador pedagógico é importante, especialmente diante do ativismo e das dinâmicas do dia-a-dia, que acabam gerando certa confusão com relação a este papel, com a conseqüente distorção de sua função. Na prática cotidiana das organizações, em contexto de tanto ativismo, dinamismo, de tantas ações que precisam ser feitas e de tantas demandas a serem enfrentadas, perde-se a clareza sobre o papel do coordenador pedagógico e ele acaba afastando-se do foco pedagógico. Na forma como as instituições estão organizadas, acabam atuando mais como coordenadores de programas (função mais administrativa e burocrática) do que como coordenadores pedagógicos.

Desta forma, é necessário definir o papel do coordenador pedagógico na organização, com as seguintes atribuições: monitoramento, olhar externo, respaldo, orientação, formação continuada de educadores, planejamento, coordenação técnica e pedagógica. Para isso, o coordenador deve estar muito próximo do desenvolvimento das ações, com olhar focado na prática, para ver como as coisas estão acontecendo de fato. Ele vai subsidiar, fundamentar e orientar o trabalho do grupo de educadores. É quem vai fazer o planejamento junto à equipe, monitorando, reunindo sistematicamente. Dentro da atual conjuntura das organizações, é fundamental que se discuta a importância do papel deste profissional que vai coordenar as ações pedagógicas de qualquer projeto, de qualquer programa institucional.

Importa também discutir quem deve assumir o cargo de coordenador pedagógico - que formação, perfil e experiências ele deve ter? Nem sempre quem assume o papel de coordenador pedagógico tem uma formação específica na área (por exemplo, pedagogia). A experiência conta bastante, mas há uma preocupação de que esse profissional tenha uma formação na área, seja superior ou de extensão. Algo que o ajude a compreender esse processo na teoria e na prática. Cabe ressaltar que, quando se fala em formação, não se trata apenas da formação acadêmica. Pode ser um curso, uma pesquisa, um estudo. E

que esse processo seja contínuo, com participação em seminários, cursos. Para alguns, o coordenador pedagógico não precisa ter uma profissão específica e sim reunir algumas capacidades para atuar nessa função, por exemplo: que possa elaborar um planejamento junto com a equipe, monitorar e avaliar ações, definir os papéis e funções de cada um da equipe. Para discutir a prática pedagógica, é necessário ter referências que são específicas do campo da educação; todavia, é importante também entender o lugar político de uma organização não governamental.

Construção de uma cultura de aprendizagem na organização

Outro ponto destacado pelo grupo é a necessidade de construir uma cultura de aprendizagem, um processo de formação permanente na organização. Para isso, a incorporação da prática da sistematização permanente pode ser útil.

Desafios a serem enfrentados para a formação permanente de educadores

No contexto atual das organizações, ainda há muita coisa a fazer e lacunas a preencher para que se possa, de fato, contar com um coordenador pedagógico que exerça o seu papel de destaque na formação continuada e permanente da equipe de educadores. Falta uma cultura de aprendizagem que garanta uma reflexão sistemática sobre a prática; falta a implementação de um projeto de formação de educadores; falta alguém que tenha a atribuição específica de cuidar da formação da equipe; falta qualidade do trabalho; falta a formação do formador, ou seja, daquele que está formando e que vai dar continuidade à formação dos educadores, pois embora domine algumas áreas, precisa estar sempre se qualificando. Faltam condições para o coordenador pedagógico focar o seu trabalho no educador, no fazer educativo (em várias organizações, o foco recai mais na gestão, na mobilização de recursos etc.).

Para fazer frente a essa situação, em primeiro lugar os participantes sugerem que se inicie com a realização de um diagnóstico interno da organização: como as atividades formativas vêm sendo realizadas? Quais as demandas para a qualificação da equipe de educadores? O que cada um quer, o que faz e o que pretende fazer no campo da educação (expectativas)? Quais os temas e necessidades de aprendizagem? Um segundo passo seria colocar o tema na pauta da organização, para que todos entendam a importância da formação pedagógica, além de provocar uma discussão sobre o papel do coordenador pedagógico, de acordo com sua identidade e aspectos filosóficos, pedagógicos (como uma “provocação institucional”). Uma estratégia para isso seria aproveitar os momentos de avaliação e planejamento na organização para definir melhor os papéis, inclusive do coordenador pedagógico. Outro passo seria a construção, junto com os educadores, do projeto de formação, contando com o respaldo da instituição. Por fim, é necessário garantir condições de trabalho, pesquisa e autoformação, ou seja, criar uma cultura de aprendizagem na organização.

Uma vez garantida a construção do projeto de formação de educadores, há que se fazer o acompanhamento da implementação desse projeto, com o registro das práticas e a avaliação da equipe que está participando das formações, com um olhar focado no dia-a-dia do trabalho e com vivências junto aos educadores para saber exatamente de que lugar ele está falando - que dificuldades e questões teriam de ser aprimoradas para qualificar a ação.

Síntese

*Como fiz o que fiz?
O que faria diferente?*

A síntese foi tratada como a construção de passos e procedimentos, ou seja, a construção do caminho metodológico, o que significa contar como um determinado trabalho foi realizado: como o percurso foi seguido, que desafios foram enfrentados, quais as alternativas encontradas e que lições foram aprendidas.

As sínteses a seguir foram elaboradas ao final do processo formativo pelos participantes que já tinham avançado em algumas etapas de seus projetos de formação de educadores. Vale notar que algumas organizações já tinham um projeto de formação delineado e aproveitaram a oportunidade para refletir como estes projetos foram construídos e vêm sendo implementados. Outras ainda não tinham projetos formatados e aproveitaram o momento das oficinas para introduzir internamente a discussão. Aquelas que deram início às etapas de desenvolvimento incluíram alguns registros de práticas educativas como exemplo. É notável como cada participante organiza suas produções, sempre a partir do que faz mais sentido para sua própria prática no momento atual.

As sínteses

A sexta e última etapa das Oficinas de Sistematização previa a elaboração de um produto final em forma de síntese, reunindo o conjunto das produções de cada organização ou participante, a partir da seguinte estrutura: o contexto da organização (grandes marcos dos processos de formação de educadores); o papel do coordenador pedagógico; o projeto de formação de educadores; as etapas de desenvolvimento do projeto, com registros das práticas educativas; e os conteúdos de aprendizagem.

Apresentamos a seguir as sínteses elaboradas pelos participantes, que refletem o seu engajamento no registro e na reflexão de suas práticas, assim como na elaboração de seus projetos de formação. Compartilhá-los exige comprometimento, confiança e vontade de apoiar outros educadores, socializando questões e aprendizagens.

1. Auçuba Comunicação e Educação
2. Casa de Passagem Ana Vasconcelos
3. Centro de Reabilitação e Valorização da Criança (CERVAC)
4. Em Cena Arte e Cidadania
5. Fundação Fé e Alegria Brasil - Unidade Pernambuco

1. Auçuba

PROJETO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES - PROGRAMA OI KABUM! ESCOLA DE ARTE E TECNOLOGIA RECIFE

Paula Ferreira e Michela Albuquerque

Contexto e histórico da organização e do Programa Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia Recife

O Auçuba é uma organização que atua há 23 anos pela causa de crianças, adolescentes e jovens. Surgiu como grupo em 1984 e se constituiu como ONG a partir de março de 1989. Desde então vem desenvolvendo projetos dirigidos a jovens, sobretudo àqueles que se encontram em áreas e condições que gerem uma situação de menor oportunidade socioeconômica. Esses projetos, que tem na juventude o seu principal “público” de diálogo, guardam forte relação com o “Escola de Vídeo” - cuja criação e realização coincide com a fundação do Auçuba. É, portanto, a partir desse projeto que a comunicação e educação, entendida como princípio pedagógico, passa a ser experienciada e a amparar e aperfeiçoar as metodologias de formação desenvolvidas pela organização.

Em 2006, em função desse histórico e trajetória, o Auçuba passa a realizar a “Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia Recife”, uma iniciativa do Instituto Oi Futuro voltada para a juventude popular urbana de quatro cidades: Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Nesse momento, início da Escola Oi Kabum! em Recife, do ponto de vista da “realidade da organização”, o contexto interno do Auçuba apontava para maturidade tanto política, no cenário local e nacional - naquilo que se relacionava ao que desejava alcançar através da sua missão -, quanto maturidade metodológica, tendo em vista o próprio Projeto Escola de Vídeo, que iniciava uma nova etapa ao fechar um ciclo formativo de três “momentos” (Formação, Núcleos de Produção e Núcleo de Comunicação Comunitária). Frente a este cenário, a realização da Oi Kabum! permitia capilarizar as ações de formação, já que o projeto possibilitava ampliação do público direto (80 adolescentes na primeira etapa de formação, de 18 meses), da atuação geográfica (ampliada para 10 comunidade do Recife), do seu quadro técnico (contração de 25 profissionais, entre educadores e equipe de apoio) e, por último, da própria formação, que além de comunicação e educação, passa a agregar arte e tecnologia, pensada em diálogo com as quatro linguagens técnico-artísticas abarcadas na Escola: fotografia, design gráfico, computação gráfica e vídeo - sendo esta última “historicamente” abordada nos projetos de formação do Auçuba, quer junto à juventude popular urbana, quer junto a professores de escolas públicas. Somavam-se às quatro linguagens: as transversais História da Arte, Oficina da Palavra, Comunicação Digital e Convivências (desenho do programa em 2006).

Desse contexto inicial ao atual momento, o cenário interno mudou - também em consequência das inúmeras mudanças e transformações do cenário externo: o campo de atuação das ONGs. Atualmente, seis anos após o seu início e começando a formação da sua quarta turma, a Oi Kabum! continua sendo uma iniciativa relevante e cada vez mais desafiadora para o Auçuba, sobretudo pelo lugar político que ocupa: um projeto social, criado e mantido financeiramente por um instituto do terceiro setor (braço social de uma grande corporação), realizado por uma organização com trajetória e referências construídas em um “lugar social” e político distinto. Internamente o Auçuba experiencia um contexto paradoxal e complexo. Embora haja um projeto que consegue manter-se relativamente com segurança financeira, o que reflete na estabilidade da sua equipe, há projetos que estão sem financiamento e outros que são realizados com interrupções, em função da instabilidade de recursos - o que traz impactos em vários níveis e de várias ordens: financeira, política etc.

Linha do Tempo - Marcos da formação na ONG Auçuba Comunicação e Educação

Ano	Marco de formação	Observações
31 de março de 1989	O Auçuba se constitui como ONG.	Surgiu como grupo em 1984, com a finalidade de desenvolver trabalhos na área de produção cultural.
1995	O Projeto Escola de Vídeo, voltado à formação audiovisual de adolescentes, recebe o seu primeiro apoio financeiro.	Projeto passa a ter objetivos estruturados e a ONG, a partir daí, delinea sua metodologia de ensino aprendizagem em comunicação e educação, tendo o audiovisual como base.
2000	Criação do Programa Só Para Fazer Mídia, incluindo, além de outras ações estratégicas junto a veículos e profissionais de comunicação, uma ação formativa com estudantes de comunicação social.	
2000 - 2001	Formação de professores de escolas municipais de Olinda, por meio do Projeto Comunicação e Educação, voltado para a sensibilização desses professores quanto ao potencial pedagógico da comunicação, com ênfase no audiovisual.	
2001	Recebe o Prêmio UNESCO como uma das cinco experiências de Pernambuco que têm resultados relevantes e efetivos na prevenção da violência entre jovens de comunidades de baixa renda, ficando entre as 30 instituições brasileiras com êxito em metodologias de formação.	
2001 - 2002	A premiação da UNESCO possibilita estruturar uma proposta de oficinas, mediada/facilitada pelos jovens que foram formados pela Escola de Vídeo no Escola Aberta.	Jovens formados no Auçuba passam a atuar como educadores sociais.
2002	Saída de Ricardo de Paiva - coordenador da organização e um dos fundadores da ONG.	
2002	Cristina Félix, que já integrava a equipe da organização, assume a coordenação geral do Auçuba.	
2004	Saída de Flávia Ferraz, então coordenadora do Programa Canal Auçuba, onde os projetos e demais ações de formação de adolescentes, jovens e professores (atendimento direto) estavam inseridas.	
2004	Saída de Cristiane Félix. Assume a coordenação geral Gorete Linhares, então coordenadora do Programa Só Para Fazer Mídia.	

2006	Aprovação e financiamento pelo Fundo da Infância e Adolescência (FIA) de duas ações: <ul style="list-style-type: none"> • Núcleo de Comunicação Comunitária, uma das etapas do Projeto Escola de Vídeo; • Articulação, sensibilização e capacitação, no âmbito do Programa Só Para Fazer Mídia, de conselheiros de direitos e tutelares em todo estado de Pernambuco, visando ao fortalecimento das ações de comunicação desse segmento. 	A realização/implementação do Núcleo de Comunicação Comunitária possibilitou tanto a ampliação do atendimento direto (70 adolescentes), quanto geográfico (7 comunidades).
2006	Ingresso de Janayna Cavalcante como assessora pedagógica da organização.	Início do projeto de formação da equipe do Auçuba, que passa a inserir em sua rotina ações de cunho formativo, estruturando-se em: planejamento, avaliação, seminários de formação, encontros pedagógicos periódicos.
2006	Início da parceria com o Oi Futuro para realização da Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia Recife	Ampliação do atendimento direto (80 jovens), da atuação geográfica (10 comunidades) e da equipe da organização: contratação de 16 técnicos, dentre os quais 11 educadores/as.
2009	O Projeto Escola de Vídeo interrompe as ações de atendimento direto, por falta de apoio financeiro.	
2008	Saída de Gorete Linhares. Mudança no desenho da gestão institucional, que passa a ser através de três coordenações executivas nas áreas estratégicas: administrativo financeiro (Orleiza Chaves); comunicação e mobilização (Rosa Sampaio); mobilização e articulação Comunitária (Paula Ferreira).	
2009	Saída de Janayna Cavalcante.	A organização deixa de ter uma assessoria pedagógica e a função passa a ser restrita a cada projeto e às possibilidades de contemplar a função em seus orçamentos.
2009	Rozário Azevedo assume por um ano a assessoria pedagógica da Oi Kabum! Recife.	
2010	Helena Tenderini assume a assessoria pedagógica da Oi Kabum! Recife.	
2010	Iniciam-se as atividades do Cine Bomba Cultura e Comunidade, ação do Projeto Escola de Vídeo, voltada para a consolidação de um cinema comunitário na Bomba do Hemetério e entorno.	Além das exposições ao ar livre, o Cine desenvolve atividades de cunho formativo (oficinas, exposições e debates) em escolas públicas da Bomba do Hemetério e entorno.
2012	Saída de Helena Tenderini.	

Objetivos do Programa Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia Recife - IV Turma

Considerando as dimensões técnica, humana, política, ética e estética, a Oi Kabum! tem por objetivo investir na educação de maneira a fortalecer o potencial crítico e criativo dos jovens ao longo das duas etapas formativas do Programa - que se desenvolvem nas linguagens de Design, Computação Gráfica, Vídeo e Fotografia, aliadas aos conteúdos de História da Arte e Tecnologia, Ser e Conviver, Palavra e Web. O Núcleo de Produção, segunda etapa da Oi Kabum!, visa à inserção dos jovens no mundo do trabalho pelo viés da arte, tecnologia e comunicação, estimulando-os a atuarem em diálogo com os eixos: comunidade, educação, mercados e projeto autoral.

Objetivos

1. Contribuir para a formação de pessoas conscientes, capazes de levar uma vida cidadã lúcida e construtiva, fraterna e corresponsável aliada a uma melhor preparação para o trabalho, em um mundo em que os avanços tecnológicos modificam constantemente o sistema de produção.
2. Oferecer oportunidades de formação pessoal, cultural e profissional mais abrangente: uma educação centrada no desenvolvimento humano.
3. Promoção da inclusão social e digital, a partir de uma educação entendida nas dimensões política, técnica e humana.
4. Capacitação e inserção de jovens moradores de espaços populares no mundo do trabalho.
5. Formação de sujeitos críticos e criativos, buscando a transformação das suas realidades.
6. Experimentação e criação artística.
7. Desenvolvimento de iniciativas empreendedoras.
8. Participação e atuação comunitária.

Etapas (acontecem simultaneamente)

Etapa 1 - Formação Básica: 18 meses

Etapa 2 - Formação Avançada/ Núcleo de Produção: 18 meses

Público

Jovens moradores de 12 comunidades populares de Recife e Olinda, sendo 90 jovens vinculados à etapa 1 (faixa etária: 16 a 19 anos) e 18 vinculados à etapa 2 (19 a 22 anos).

Equipe

Coordenação Geral: Michela Albuquerque (desde 2006)

Coordenação Assistente: João Lin (desde 2007)

Assessoria da Coordenação: Márcia Andréa Rodrigues (desde 2006)

Equipe de Apoio: Márcia Oliveira, Maurício Oliveira e Lane Almeida (desde 2006)

Gestão de Equipamentos: Élide Santana (desde 2009)

Educadores

1. Vídeo: Edmilson Assunção, o Pitela (desde 2006) e Alan Oliveira (desde setembro de 2012)
2. História da Arte e Tecnologia: Gustavo Melo, o Grilo (desde 2008 como educador de vídeo, mas assumindo essa área transversal a partir de julho de 2012)

3. Computação Gráfica: Anderson Lucena (desde 2009 como educador da linguagem design gráfico, mas assumindo computação gráfica a partir de julho de 2012) e George Pereira (desde 2011)
4. Ser e Conviver: Leta Vasconcelos (desde 2009) e Mauro Delê (desde 2008)
5. Fotografia: Vicente Eduardo (desde 2008)
6. Palavra e Web: Hugo de Lima (desde 2009)
7. Design Gráfico: Cleto Campos (desde julho de 2008 como educador da linguagem computação gráfica, mas assumindo design gráfico a partir de julho de 2012)
8. Núcleo de Produção: Márcio Soares (desde 2010) e Orlando Nascimento (desde 2011 como educador do núcleo transversal palavra e web, mas assumindo o Núcleo de Produção a partir de julho de 2012)

Caracterização e atribuições dos/as educadores

A equipe de educadores é bem diversa no que diz respeito à formação, referências e trajetória profissional, quer na sua área de atuação específica (linguagens), quer no campo da educação. Uma parte ingressou na Oi Kabum! tendo experiência com educação popular junto à juventude popular urbana. Outra parte (a maioria) tem na Oi Kabum! a sua primeira experiência em educação. Por ser um projeto contínuo, a equipe tende a ter uma permanência maior, com pouca rotatividade. A equipe de educadores/as da primeira etapa tem como principais atividades/atribuições o planejamento e a realização das aulas (diárias), o monitoramento diário e a reflexão sobre a prática (feitos através do *software* kairos, criado em função das necessidades do grupo/equipe), a participação nas reuniões pedagógicas (agora semanais) - que têm caráter de discussão e aprofundamento da experiência, de consulta e acolhida de sugestões frente aos rumos do projeto, bem como de formação continuada. Além disso, há a produção trimestral de relatórios narrativos, avaliações que acontecem ao final de cada eixo temático (identidade, comunidade e cultura) e de atividades como mostras, transição entre eixos, seminários etc.

Os educadores do Núcleo de Produção estão inseridos em todas as rotinas do projeto, tendo em vista que o núcleo está integrado ao todo da Oi Kabum!, sendo a sua segunda etapa. Neste núcleo, portanto, os educadores planejam, participam das atividades de formação, avaliação, reuniões. Mas em função da especificidade da etapa - que não é estruturada a partir da realização de aulas diárias, mas de uma formação aplicada à prática através da realização pelos/as jovens de trabalhos remunerados para os mercados locais de produção de imagem, projetos autorais, oficinas, atuação comunitária etc. -, o trabalho de planejamento e monitoramento é diferenciado.

Contexto - Formação de Educadores Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia Recife

O atual projeto de formação de educadores da Oi Kabum! Recife responde, ainda que de forma atual e precisa, a uma reflexão registrada na proposta do *I Seminário de Formação da Equipe* realizado em julho/agosto de 2008, à qual sempre retornamos ao planejar novas atividades formativas *para e com* a equipe:

“uma escola de Arte e Tecnologia, desenvolvida por uma ONG, a partir de um programa proposto por um Instituto do terceiro setor, e em parceria com o poder público, é certamente o espaço de confluência de variadas questões de ordem política, técnica, estética e, sobretudo, pedagógicas. Uma prática pedagógica em tal contexto é geralmente reconhecida como não formal, entretanto, bastante formalizada em seus processos e rituais. É também não escolar, porém, organizada a partir de uma referência escolar, mas sem restringir-se a um modelo de escola tradicional. Um profissional para atuar neste cenário precisa compreender algumas dessas questões. Logo, é necessário que se entenda como parte dessa complexidade, sendo agente de um dos processos mais importantes do todo que compõe a escola: o contato direto com os jovens no cotidiano, dentro do que a ciência da educação chama de “relação pedagógica” (relação educador-educando). Além disso, um currículo, mesmo quando não oficial, se constitui como campo de conflito sobre visões e projetos de mundo que qualquer prática educativa tem como missão promover. Neste sentido, a criação de um espaço de diálogo ampliado é imprescindível para que o coletivo pedagógico possa apresentar e reconhecer seus consensos e dissensos a respeito das questões envolvidas em sua prática sejam elas de natureza conceitual ou pragmática”.

De maneira esquemática, pode-se traduzir o texto balizador acima afirmando que o projeto de formação continuada de educadores da Oi Kabum! Recife nasceu, e justifica-se que permaneça assim, “respondendo” a alguns grandes desafios e necessidades que deles decorrem, identificados tão logo a organização, em 2006, decidiu realizar em parceria com o Oi Futuro o programa (de sua autoria) Oi Kabum! Dessa forma, as atuais ações de formação de educadores em curso guardam forte relação com esses desafios iniciais (que permanecem em vista) - aos quais se somam, evidentemente, outros - e com as mudanças já empreendidas ao longo de quatro ciclos formativos (quatro turmas) da Escola em Recife. De maneira geral, temos ainda hoje como elementos norteadores da formação continuada da equipe:

- A necessidade de alinhar e consolidar junto à equipe direta do programa e demais integrantes da organização o *diálogo* da educação e os macro temas/conteúdos que amparam o projeto pedagógico da escola: juventude, arte e tecnologia, comunicação, mundo do trabalho.
- A necessidade de delinear junto a profissionais que assumem o papel de educadores sociais, um perfil/identidade profissional que a maior parte da equipe passa a experienciar pela primeira vez e que vai se construindo e fortalecendo simultaneamente à própria vivência da “nova prática”. Soma-se a isso a necessidade de refletir e compreender o que significa *identidade organizacional*: ser um profissional/educador de uma ONG, o que este papel nos traz de desafios? O que queremos com a nossa atuação profissional? O que essa atuação efetivamente busca? Em que se distingue de outras?
- A perene e contínua necessidade de refletir sobre a prática pedagógica - essencial a qualquer projeto de formação/educação.
- A necessidade de discutir e refletir continuamente sobre os significados, sentidos, desafios e objetivos de *fazer educação* voltada à juventude popular urbana - a partir do complexo e

desafiador diálogo e parceria de organizações que construíram suas trajetórias em lugares sociais, políticos e econômicos distintos: uma organização da sociedade civil organizada, um instituto do terceiro setor (braço social de uma grande corporação) e poder público (governo) local.

- A necessidade de fortalecer laços entre os profissionais que integram a equipe, buscando aproximar pessoas e seus saberes, compreendendo *oposições/tensões* acerca da arte, política, educação, formação etc., construídas a partir de realidades bem distintas: universidades - educação popular; circuitos consolidados (hegemônicos) de produção artística - circuitos alternativos e independentes; classe média - classe popular etc. Essas tensões trazem algo frutífero e novo no campo da educação, com vistas à efetiva e tangível construção coletiva do projeto pedagógico da escola.

Da percepção dos desafios e necessidades que os cercam, a formação da equipe tem como metas para a aprendizagem dos educadores e educadoras:

1. A elaboração de currículo do programa, tendo em vista a conexão dos temas estruturantes à formação na escola (Comunicação, Arte e Tecnologia, Cultura, Mundo do Trabalho) com o contexto e realidade dos jovens, considerando como princípio norteador uma visão desses jovens como sujeitos políticos, críticos, criativos; capazes de autonomia e reflexão e de mudanças na própria vida.
2. A construção, com os jovens, de itinerários formativos que tenham por base a arte, a tecnologia e a emancipação, os instrumentos para que desenvolvam seu potencial e possam se tornar adultos autônomos, solidários e produtivos, visando contextualizar histórica e socialmente a aprendizagem, à medida que os sujeitos reconstruam e recriam ativamente a cultura na qual estão inseridos.
3. Construção coletiva de um planejamento integrado e sistêmico.
4. Pesquisas e vivências com vistas à compreensão do campo de atuação das organizações sociais.
5. Compreensão do papel do educador social no contexto contemporâneo, tendo em vista as especificidades do projeto, o que requer: abertura epistemológica para discutir novos campos de conhecimento (como arte, tecnologia e comunicação) e disposição para a vivência baseada em experimentação *estético pedagógica*.

O coordenador pedagógico

É da complexidade da proposta pedagógica do programa, das atribuições e expectativas frente aos educadores na consecução dos objetivos da escola que se delineia o perfil do coordenador pedagógico. Papel cercado de desafios nas organizações sociais, na Oi Kabum! isso se amplia em função de diversos fatores, um deles o fato da coordenação pedagógica *fundir-se* com a coordenação do Programa. Na Oi Kabum! Recife não há um coordenador pedagógico, mas uma assessoria que passa a compor a equipe da escola em 2009 - fator predominante para o fortalecimento dos/as educadores/as, do currículo da escola e, conseqüentemente, da formação dos jovens. Antes disso, por cerca de um ano e meio, a Oi Kabum! não contava com assessoria, sendo a coordenação do programa totalmente responsável pelo acompanhamento pedagógico. Até conseguirmos integrar o assessor à equipe, a coordenação da escola contava com o apoio da assessoria pedagógica da organização - cujo trabalho era apoiar pedagogicamente todos os projetos e

programas desenvolvidos pelo Auçuba. Por conta de fatores econômicos, a função deixa de existir na instituição e passa a compor a equipe de cada projeto - já que no orçamento é possível aprovar recursos que arquem com este profissional.

Dessa forma, tomando as especificidades do Programa Oi Kabum!, e ainda refletindo sobre os desafios que “cercam” a função da coordenação geral e pedagógica dessa Escola de Arte e Tecnologia, e os benefícios e fragilidades que este duplo papel acarreta, é importante destacar que coordenar a Oi Kabum! é, antes de tudo, pensar e acompanhar “o pedagógico” e tudo o que isso envolve... E envolve muita coisa, já que o tempo todo estamos voltando a questões que permanecem de alguma forma *em aberto*. Duas delas, que parecem fundamentais e dizem respeito ao exercício diário de coordenar a escola, são recorrentemente *postas e tocam* naquilo que é princípio e *bandeira* das duas organizações que respondem pela realização da Oi Kabum!: o Auçuba e o Oi Futuro. As duas “*questões-princípio*” estão ligadas por outra que, compreendemos, corresponde ao elo entre as organizações, logo, as une e as tornam parceiras. São elas que orientam as ações da coordenação, a saber:

- *Questão-princípio* Auçuba: por que Comunicação e Educação?
- *Questão-princípio* Oi Futuro: por que Arte e Tecnologia?
- *Questão-elos*: por que juventude popular urbana?

De maneira prática, tentar responder a questões como as listadas acima, frente à função/papel do coordenador pedagógico, o coloca em uma situação em que tem de empreender ações de pesquisa, mas também vivências em um cenário dinâmico como é o da educação, da arte, das novas tecnologias, da juventude... E este é o papel que necessita melhor ser desempenhado, pois fortaleceria o projeto, tanto interna, quanto externamente - já que é a direção externa que ao mesmo tempo *abre e alimenta* a escola, no sentido de possibilitar que seja conhecida como espaço de produção de conhecimento, de reflexão e produção em comunicação, educação, arte e tecnologia... De experimentação de metodologias que pensam e repensam a educação em função dos direitos e da crença no potencial da juventude popular urbana. Potencializar o papel da coordenação, pensar que pode ser diferente, aponta, portanto, para fazer do projeto uma iniciativa menos “ensimesmada”, para dentro, “uterina”... Os desafios com a equipe no que diz respeito à sua formação, naquilo que é “essencial” ao papel do educador social no Auçuba e, conseqüentemente, na Oi Kabum! ainda são muito exigentes e desequilibram o movimento *dentro - fora, interno - externo*.

Entretanto, é importante reconhecer que a própria formação da equipe é marca de ousadia do projeto e mesmo uma linha de ação que necessita ser reconhecida como tal. Os desafios de agregar profissionais que não haviam atuado como educadores, tampouco no “mundo” das ONGs, fizeram com que estratégias e ações importantes e significativas fossem pensadas e desenvolvidas. E assim o projeto, ao passo que tem na formação da equipe um “eterno” desafio, tem também aí, paradoxal que pareça, um “diferencial” e uma fortaleza.

Sobre as ações de formação e como estão organizadas hoje, vale ressaltar que o objetivo é que, de fato, sejam ações continuadas. Etapas: Formação Básica (etapa I) e Formação Avançada - Núcleo de Produção (Etapa II), ambas com 18 meses. As atividades que chamamos de formativas acontecem em reuniões

semanais (todas as quartas-feiras, das 14h30 às 18h) envolvendo toda a equipe. Os encontros são mediados pela coordenação e assessoria pedagógica, mas a equipe também é estimulada a facilitar as reuniões ou parte delas, normalmente abordando um conteúdo sugerido pela coordenação e assessoria, ou que tenha emergido da prática e é sugerido pelos/as próprios/as educadores/as. De maneira esquemática, as reuniões estão assim estruturadas/organizadas:

- Informes sobre o projeto, novas atividades, parcerias, necessidades, mudanças.
- Encaminhamentos de atividades.
- Troca sobre o dia-a-dia com os/as jovens em sala de aula, acompanhamento dos planejamentos.
- Aprofundar discussões sobre temas/questões que emergem da prática, da vivência com os/as jovens.
- Realização de atividades que buscam discutir, através de metodologias específicas, conteúdos que são estruturantes ao projeto pedagógico do programa: educação, juventude, mundo do trabalho, arte e tecnologia, projeto de vida, comunicação etc.

Além das reuniões, são realizados seminários de formação, com duração mínima de uma semana, onde a equipe aprofunda discussões, produz e interage com convidados que compõem a programação desses seminários. Ao final de cada eixo temático (identidade, comunidade e cultura), também são realizadas atividades de cunho formativo a exemplo das transições.

Síntese

Algo importante no início do Programa Oi Kabum! em Recife, em abril de 2006, foi garantir na carga horária da equipe um número de horas exclusivas para a sua formação, para troca pedagógica entre seus integrantes. Nesse sentido, ao estruturarmos, em julho de 2008, o projeto de formação de educadores/as, este tempo específico (9h/mês até julho de 2012 e, a partir daí, 18h/mês) já fazia parte da rotina e dos acordos de trabalho com todos/as, ou seja: com isso fazendo parte da *cultura* do programa, todos os profissionais, com ênfase nos educadores, dispunham de agenda e de um tempo de qualidade para a formação. Além da clareza da instituição frente ao fato de que seus profissionais estão em constante aprendizagem e que a perspectiva da formação continuada é um princípio, isso fortaleceu e contribuiu muito positivamente para o que até então foi empreendido na formação da equipe e crescimento da escola.

Toda a trajetória da formação, desde o primeiro seminário e das ações que o antecederam, foi norteadas:

- Pela perspectiva da construção coletiva do conhecimento, traduzida no desejo de realizar planejamento coletivo.
- Pela troca de saberes (em uma equipe tão distinta do ponto de vista da formação que trazia ao integrar a Oi Kabum!, bem como da sua experiência, ou não, no campo da educação e no diálogo com a juventude popular urbana).
- Pela perspectiva transdisciplinar e pela *imagem-conceito* emblemática do rizoma.

Foram esses marcos conceituais que deram corpo e estrutura às atividades de formação, quer abarcadas nas reuniões semanais, quer nos seminários, quer nas semanas de planejamento e avaliação, etapas que constituem o todo do que hoje chamamos de projeto de formação da equipe. Em quatro anos, após termos delineado este projeto como essencial ao Programa Oi Kabum!, muito foi conseguido, um tanto não e outro tanto ainda há que se fazer.

Um dos maiores ganhos, entretanto, foi consolidarmos junto à equipe o espaço de formação, a cultura da reflexão sobre a prática, a importância da avaliação, do registro e da sistematização da experiência. A equipe se entende, portanto, vivendo um processo contínuo de aprendizagem e isso diz muito da abertura para as mudanças sempre em vista no Programa, assim como para consecução de objetivos tão complexos como os que engendram o projeto pedagógico da escola. Mesmo com alguma rotatividade, dos atuais 11 educadores, a grande maioria ingressou na equipe entre 2008 e 2009. A cultura da formação faz parte do perfil da equipe, até por ser bem evidente que o tempo dedicado às reuniões/formações semanais fortaleceu os/as educadores, trazendo resultados objetivos - a exemplo da consolidação de um currículo que responde a ementas, objetivos e conteúdos elaborados pelos educadores, coordenação e assessoria pedagógica e que articula temas estruturantes à formação na escola (Comunicação, Arte e Tecnologia, Cultura, Mundo do Trabalho) com o contexto e realidade dos/as jovens.

Hoje, percebemos um amadurecimento do Programa e avanços importantes no planejamento coletivo, sobretudo em função de dois fatores identificados a partir do acompanhamento pedagógico: a necessidade de nivelar a carga horária dos 11 educadores, antes variando entre 53h, 71h e 92h mensais, para as atuais 100h/mês e a criação do *software* de planejamento e monitoramento diário *kairos*. Frente a um planejamento mais sistêmico e horizontal ainda há desafios, mas os ganhos são tangíveis.

Algo que a consolidação do projeto de formação também foi evidenciando ao longo dos últimos quatro anos é a necessidade da coordenação e assessoria pensarem em atividades de formação a partir da vivência na sala de aula, acompanhando mais de perto a relação *educador - educando* e colhendo daí conteúdos a serem aprofundados nos encontros formativos semanais. Este é um ponto ainda lacunar e que, pela riqueza das iniciais experiências, deve fazer parte da rotina da assessoria pedagógica e coordenação, cujas demais atribuições atropelam essa atividade.

Como desafios que permanecem, pois perpassaram todas as ações do projeto de formação da equipe até então, temos, de maneira emblemática, que equacionar e equilibrar o que cabe à coordenação do Programa, que assume também o papel de coordenação pedagógica da Oi Kabum!, frente à formação da equipe e a todos os demais desafios que cercam o cenário dinâmico no qual se inscreve a escola: educação, comunicação, arte e tecnologia, cultura. Há, portanto, em paralelo e inseparável a isto, que se delinear melhor perfil, tarefas e atribuições da assessoria pedagógica, de modo a que possa ter mais efetividade no acompanhamento e no pensar pedagógico, no que fortalece a equipe, os jovens e o Programa. Um pouco dessa expectativa e necessidade se vislumbra com a ampliação da carga horária da assessoria pedagógica garantida para o novo ciclo do Programa em 2013.

Por último, ainda nos desafiando, temos:

- Menor rotatividade do assessor pedagógico, visto que ao longo de cinco anos, tivemos cinco profissionais assumindo a função. Embora cada um tenha trazido contribuições ao Programa e à equipe, percebe-se que a saída de um profissional como este sempre desestabiliza o grupo, enquanto que a chegada do outro demanda tempo de acomodação - o que traz impactos e fragilidades à experiência.
- Maior apropriação, pela equipe de educadores/as, da importância de cada um investir na própria formação de maneira mais autônoma. É necessário maior equilíbrio entre o que cabe ao Programa responder e colaborar e aquilo que cabe ao educador/a. Sem isso, todas as expectativas caminham no sentido de que a formação “se resolva” no tempo previsto na carga horária destinada as reuniões e encontro formativos abarcados na Oi Kabum!

2. Casa de Passagem Ana Vasconcelos

SISTEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA DO EDUCADOR SOCIAL

Jaciara Arruda e Gicélia Souza

Este trabalho teve por objetivo sistematizar a prática do Educador Social no Centro Brasileiro da Criança e do Adolescente (CBCA) - Casa de Passagem Ana Vasconcelos.

Histórico e mudanças da organização

O Centro Brasileiro da Criança e do Adolescente - Casa de Passagem Ana Vasconcelos (CBCA) é uma associação civil do nordeste brasileiro, sem fins lucrativos, de utilidade pública federal, estadual e municipal, que se baseia em princípios ético-morais de valorização da pessoa humana e na defesa dos direitos de crianças, adolescentes, jovens e mulheres em situação de pobreza do Estado de Pernambuco, fundamentados no pensamento sistêmico. Trata-se de uma organização não governamental reconhecida nacional e internacionalmente pelo trabalho que desenvolve na Região Metropolitana do Recife, junto às comunidades em situação de risco social.

A Casa de Passagem foi fundada em 1989, pela advogada Ana Vasconcelos e pela psicóloga Cristina Mendonça, antes da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Inicialmente, a entidade ficou conhecida pelo pioneirismo no atendimento biopsicossocioeducativo a meninas em situação de rua, abuso e exploração sexual, envolvendo a família e a comunidade na melhoria de suas condições psicossociais. Era algo novo, transformador, que chamava a atenção da opinião pública, da mídia e das autoridades.

A miséria, a exclusão social, a violência, a falta de políticas públicas para crianças, adolescentes e jovens eram alarmantes no contexto dos anos 90. A desigualdade social, a pobreza, o desemprego, a falta de formação e qualificação profissional, o déficit habitacional, a desintegração familiar, a indústria das drogas e do crime organizado afetam ferozmente a vida de crianças e adolescentes, sobretudo as oriundas de famílias de baixa renda, que não têm muito acesso ao consumo, ao lazer, à cultura e ao esporte. Muitas crianças e adolescentes se encontravam em situação de risco nas ruas ou abandonados em abrigos, atraídos pelas drogas, sofrendo violência doméstica, sendo molestados sexualmente por familiares ou adultos, explorados no trabalho infantil, vitimizados pela exploração sexual comercial, assassinados por grupos de extermínio e policiais, praticando roubos e assaltos, formando, assim, um imenso contingente de excluídos e desprotegidos.

Embora o art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabeleça ser “*dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária*”, ainda temos muito que avançar.

Atualmente a Casa de Passagem redirecionou o seu olhar e seu trabalho não apenas para meninas em situação de risco social, mas também para os adolescentes e jovens das comunidades pobres do Recife, de ambos os sexos. Isto porque, embora tenham sido criadas várias instituições sociais, bem como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o contexto não é tão diferente daqueles vividos na década de 1990.

Hoje a instituição tem como missão promover o protagonismo social e político de crianças, adolescentes, jovens e famílias em situação de vulnerabilidade social, com base em uma proposta de formação cidadã que parte dos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e eficiência. Entre os objetivos básicos, destacam-se: combater a pobreza; enfrentar o abuso e a exploração sexual comercial; promover a melhoria na qualidade de vida de crianças, adolescentes e jovens; ajudar a desenvolver a autoestima; diminuir a violência doméstica e sexual; capacitar adolescentes, jovens e lideranças comunitárias; aumentar a inclusão e a aprovação escolar; favorecer a inclusão cultural, digital e social; possibilitar aos jovens maior competitividade no mundo do trabalho e o aumento na renda familiar; estimular o protagonismo juvenil, político e comunitário; realizar ações de *advocacy* e *lobby* em defesa, ampliação e garantia de direitos das crianças, adolescentes, jovens, mulheres e negros.

Para cumprir sua missão e atingir seus objetivos, a entidade opera hoje com três programas básicos, que atuam de forma integrada. São eles:

- *Programa Passagem para a Vida* - atende a crianças e adolescentes de 7 a 17 anos de idade, do sexo feminino, tendo como objetivo promover os direitos de cidadania de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, buscando como resultado a reestruturação da identidade, a inserção na família, na escola e na comunidade. O Programa oferece atendimento psicossocial, lazer, cultura, educação, esporte, arte, atendimento à família, vacinação e computação.
- *Programa Comunidade e Cidadania* - voltado para adolescentes e jovens de 13 a 24 anos, de ambos os sexos, com o objetivo de promover a ampliação do espaço de adolescentes, família e mulheres como lideranças comunitárias, através do estímulo ao protagonismo comunitário e juvenil; organização e participação em eventos, campanhas e cursos de formação em Direitos Humanos e de Adolescentes Multiplicadores de Informações.
- *Programa Iniciação ao trabalho* - beneficia diretamente adolescentes e jovens de ambos os sexos, com idade entre 16 e 24 anos, oriundos dos Programas Passagem para a Vida e Comunidade e Cidadania, tendo como objetivo contribuir para a formação do jovem que não tem acesso aos direitos de cidadania e, em especial, à profissionalização, possibilitando sua inserção no mundo do trabalho em condições competitivas e facilitando sua transição para a vida adulta por meio da educação para o trabalho, cursos de formação e qualificação profissional.

A área operacional da Casa de Passagem está centrada nos três programas da entidade e nos núcleos comunitários, onde são desenvolvidas as ações, atividades e metodologias específicas com públicos de perfis diferenciados. Outros setores como planejamento, contábil-financeiro, recursos humanos, comunicação e marketing, diretoria e gerência executiva circulam em torno desses três eixos.

Metodologia do trabalho da Casa de Passagem Ana Vasconcelos

A entidade utiliza a metodologia sistêmica, o afeto, a atenção, a compreensão e a empatia como base de seu trabalho. Procura atender a criança e o adolescente integralmente, articulando-se com a rede de proteção social, políticas públicas e familiares. Acredita que a arte, a educação, a saúde, a cultura, o lazer, o esporte e o atendimento psicossocial ao sujeito de ação podem fortalecê-lo e prepará-lo para enfrentar os desafios da vida.

Concepções teóricas norteadoras

Concepção de homem (Edgar Morin)

- O ser humano é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico, sujeito e objeto de sua própria construção e da construção do mundo; é um ser livre e auto-eco-organizador.
- É necessário que se reconheça a identidade complexa e comum dos seres humanos.

Concepção de mundo (Edgar Morin)

- Compreender a realidade como sendo complexa, sistêmica e multiversa.
- Construir um mundo, cuja vivência seja voltada para uma ética universal do ser humano (marca da natureza humana) e não para a ética do mercado financeiro, que se submete aos interesses dos lucros - a ética que explora a força do trabalho do ser humano, que falseia a verdade e que é discriminatória de raça, gênero e classe.

Pensadores/educadores/teóricos que dão base à atuação da organização

Para Edgar Morin, a ciência não representa a totalidade do conhecimento; o conhecimento não se reduz à ciência. Além dos conhecimentos teóricos e técnicos trabalhados pelas escolas e universidades, as experiências felizes ou traumáticas no interior da família, o convívio social, as dores da alma, a obra de arte, o romance, o cinema, as viagens e os acontecimentos inesperados são igualmente formas importantes de conhecimento.

É nesta perspectiva que precisamos repensar a educação, transformando-a em uma educação para a complexidade, para a religação dos saberes e o compartilhamento de experiências.

Educar para a complexidade é capacitar o cidadão para conviver com a incerteza e tirar bom proveito dela; é fazer da sala de aula um lugar para discutir e experimentar também os valores éticos da responsabilidade com a vida, com a amizade, com a justiça e com a felicidade humana (Maria da Conceição Xavier de Almeida - Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade da UFRN).

Concepção de educação (Edgar Morin, Paulo Freire)

- A educação deve ser antropológica, levar o aluno a compreender que é ser ao mesmo tempo indivíduo/sociedade/espécie, ou seja, é o conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.
- A educação deve ser vista na perspectiva de formar o cidadão planetário, incluir e educar para a compreensão, base da educação para a paz.
- A prática educativo-progressista trabalha pela busca da autonomia dos educandos.
- É necessário incluir na formação do educando não só a preparação técnico-científica, mas também a da ética universal do ser humano, a ética da solidariedade, que contempla o respeito à dignidade, à autonomia e à capacidade criativa do educando.
- É fundamental aplicar uma política de desenvolvimento humano que privilegie essencialmente o homem e a mulher, e não apenas o lucro.
- Trabalho na perspectiva dialógico-problematizadora da educação: a educação deve ser baseada no diálogo, na dialética, considerar as tensões e as contradições, bem como ser problematizada.

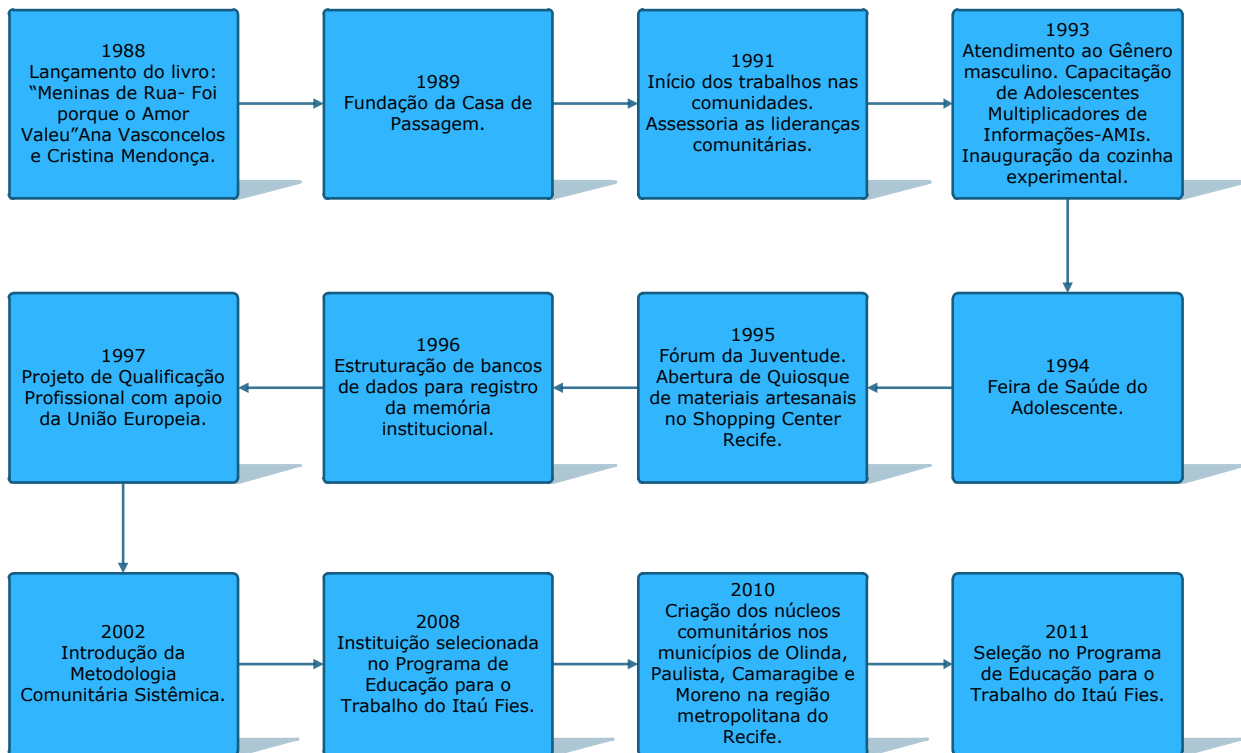
Processo de ensino-aprendizagem (Edgar Morin, Lev Vygotsky, Paulo Freire, Howard Gardner e Hannah Arendt)

- A condição humana deve ser o objeto fundamental do ensino-aprendizagem.
- O ensino das incertezas permite que o aluno enfrente os imprevistos.
- “A ação de conhecer está presente simultaneamente nas ações biológicas, cerebrais, espirituais, culturais, linguísticas, sociais, políticas e históricas, por isto o ser condiciona o conhecer, que ao mesmo tempo condiciona o ser” (PETRAGLIA, 2008, p. 81).
- O ensino é voltado para a construção do conhecimento.
- O professor precisa possibilitar interações professor-aluno, aluno-aluno, bem como utilizar mediadores (linguagem/signos) para trabalhar na zona de desenvolvimento proximal do aluno (desenvolvimento potencial → desenvolvimento real).
- Análise do aluno dentro de um contexto sócio-histórico.
- O aluno é visto como um sujeito de ação, pois pensa sobre as situações e o contexto em que está inserido, em uma perspectiva transformadora.
- Ensino na perspectiva da relação teoria-prática.
- É importante problematizar a situação a ser aprendida, fazendo perguntas que permitam o debate e com isso busque instigar os pensamentos do aluno, desafiando-o a compreender a situação e aplicar seus conhecimentos na busca de soluções.
- O professor deve reeducar os alunos e suas famílias para se engajarem no processo de transformação da realidade.
- Relacionar o conhecimento prévio do aluno com a nova informação.
- Ensinar não só os conteúdos, mas também a pensar de maneira crítica, cientes de que somos seres históricos com capacidade de conhecer o mundo e de intervir sobre ele.
- Além da inteligência lógico-matemática, a escola precisa estar voltada também para o desenvolvimento de outras potencialidades de seus alunos, representadas pelas inteligências

múltiplas da linguística, das relações espaciais, da corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e musical.

- Trabalhar as relações de poder, criticando as desigualdades.

Linha do tempo da organização



Ações desenvolvidas pel@ educador(a) social

1988 - Abordagem às meninas que estão nas ruas da cidade do Recife e participação dos educadores no lançamento do livro “Foi porque o amor valeu”.

1989 - Reuniões sistemáticas com supervisão de psicólogas, com discussão sobre a prática do atendimento dos educadores nas ruas, de acordo com a visão institucional.

1991 - Participação dos educadores em atividades de formação com outras instituições e atendimento nas comunidades.

1993 - Abordagem nas ruas do centro do Recife no horário noturno e início dos trabalhos nas comunidades, com abordagem do educador de rua.

1994 - Trabalho do educador social junto aos Adolescentes Multiplicadores de Informações (Amis) e grupo de teatro nas comunidades assessoradas pela instituição.

1995 - Participação efetiva do educador social nos grupos operativos, com a abordagem de Enrique Pichón Rivieré e participação no Fórum da Juventude.

1996 - Participação dos educadores na alimentação do banco de dados.

1997 - Participação do educador social no projeto da União Europeia.

2002 - Participação dos educadores em curso de formação sobre a Metodologia Comunitária Sistêmica.

2008 - Participação dos educadores em curso do Itaú Fies e nas visitas aos familiares.

2010 - Educadores sociais em processo de formação contínua para serem alocados nos núcleos das comunidades assessoradas pela instituição nos municípios de Moreno, Camaragibe, Olinda e Paulista.

2011 - Participação dos educadores no processo de recrutamento e seleção de adolescentes e jovens participantes dos cursos de qualificação.

Prática d@ educador(a) social

A equipe é composta por sete educadores: quatro deles fazem parte dos núcleos do Projeto Rede Cidadã, em quatro municípios; três estão no Programa Passagem para Vida. Os educadores sociais são supervisionados pela supervisora pedagógica, por meio de visitas aos núcleos e programas, reuniões semanais e apresentação de relatórios mensais.

As atribuições dos educadores envolvem o acolhimento dos atendidos e a participação em reuniões, seminários e cursos de capacitação. O educador social é o elo principal de conexão com os atendidos, seja nas ruas, nas comunidades e nas articulações.

A prática do educador social visa a um atendimento biopsicossocioeducativo realizado em conjunto com uma equipe multidisciplinar que atua tanto nas atividades relacionadas aos programas institucionais, como no trabalho realizado nas comunidades assessoradas pela instituição. A perspectiva é a de fortalecimento da comunidade, com o desenvolvimento de ações voltadas para o protagonismo de adolescentes, jovens e mulheres e para o exercício da cidadania.

Contextualização da prática do coordenador pedagógico

A prática do coordenador pedagógico se processa por meio do acompanhamento de forma sistêmica e contínua, valorizando-se o potencial, habilidades e competências de cada educador nas atividades e ações realizadas. Destacamos que:

- É fundamental acreditar no potencial de cada um que compõe a equipe técnica.
- O processo de construção diária deve acontecer por meio da prática e da reflexão sobre a missão e a prática do dia-a-dia.
- Reuniões semanais possibilitam a socialização e o acompanhamento das atividades realizadas por tod@s, avaliando-se conjuntamente a prática aplicada.

Construção de um projeto de formação de educadores: a importância do acompanhamento pedagógico na prática dos educadores

Podemos ressaltar a necessidade de encontros semanais sistemáticos com a participação de todos os envolvidos nos processos de formação do público, educadores e técnicos, com o objetivo de realizar uma construção dialética que tenha a prática/ação e a avaliação constantes. A troca de experiências, as observações diárias, o registro de atividades e a avaliação são instrumentos necessários para a construção de uma prática que busque estratégias de ação para o trabalho que está sendo desenvolvido.

As atividades devem ser planejadas, organizadas e acompanhadas de forma produtiva, dinâmica e motivadora, envolvendo educadores e técnicos para que a ação a ser desenvolvida obtenha êxito e alcance de resultados/efeitos satisfatórios. Faz-se necessário também a implementação de dinâmicas e técnicas para o cuidado com o cuidador/educador.

O processo de formação dos educadores é contínuo, tem como modelo a metodologia de Paulo Freire e do construtivismo, tendo como foco o processo de ensino-aprendizagem por meio da relação sistêmica. Os objetivos da formação - segundo a metodologia da Casa de Passagem Ana Vasconcelos - são os de aprender para apreender, a valorização do saber científico e popular. A formação acontece semanalmente em reuniões com outros técnicos e em reuniões específicas. As reuniões são planejadas com temáticas relacionadas ao processo educativo e também com estudos dirigidos à metodologia de Paulo Freire, à metodologia sistêmica, à metodologia de Humberto Mariotti sobre complexidade, política e solidariedade.

As reuniões fazem parte do planejamento institucional desde a fundação da Casa de Passagem; nelas são discutidas as atividades e ações realizadas diariamente, assim como estudos de caso e outros eventos que tiveram a participação dos educadores. O processo de formação sempre foi de fundamental importância para a instituição, que acredita no processo grupal. As atividades são registradas e socializadas para a equipe institucional nas reuniões e mensalmente entregue relatório. No momento, estamos realizando uma pesquisa que envolve a questão do perfil dos educadores.

Projeto de Formação d@S Educadores (as) Sociais

Este projeto tem por objetivo nortear, alinhar, planejar e definir as atribuições relacionadas às atividades dos educadores sociais no Projeto Rede Cidadã, que acontece em quatro municípios da região metropolitana do Recife. Dentro dessa perspectiva de processo de aprendizagem, é necessário que os educadores:

- Compreendam as metas e objetivos do projeto em que estão inseridos, de acordo com a missão institucional.
- Realizem o planejamento das atividades e posteriormente as socializem.
- Sejam pontuais e assíduos nas atividades para não sobrecarregar os demais educadores e, conseqüentemente, prejudicar o desenvolvimento do projeto.
- Estejam atentos quanto ao surgimento de casos de trabalho infantil, exploração sexual, maus tratos que, quando identificados, devem ser imediatamente comunicados para as devidas providências junto aos familiares e órgãos competentes.

- Fomentem hábitos de higiene, saúde e educação com os participantes do projeto nas comunidades, por meio da realização de oficinas e rodas de reflexão.
- Respeitem a escolha da orientação religiosa para o pleno desenvolvimento das relações com os outros educadores sociais e com todos os participantes dos cursos, oficinas e demais atividades do projeto.
- Registrem as atividades, elaborem os relatórios e os entreguem mensalmente.
- Participem das reuniões semanais para socialização de suas atividades e planejamento em conjunto com os demais componentes do projeto (técnicos, coordenadores e direção).
- Compreendam a importância social de sua ação, ampliem a sua consciência e evoluam no compromisso de participação para a transformação da sua realidade e dos beneficiários.
- Trabalhem a solidariedade e a capacidade de ver o outro com o potencial a ser desenvolvido e o exercício da coletividade.

Para a implementação das atividades, contamos com quatro educadores sociais que atuam nas comunidades de Bonança, no Município de Moreno, Tabatinga, no Município de Camaragibe, Peixinhos, no Município de Olinda e Paratibe, no Município de Paulista. Os educadores sociais atuam respeitando o saber popular dessas comunidades, considerando-se que o conhecimento popular unido ao conhecimento científico contribui para identificar, junto com os moradores das comunidades, os pontos positivos e as vulnerabilidades existentes.

O projeto oferece cursos de capacitação, oficinas e serviços psicossociais e jurídicos, sendo que o educador social é responsável direto pela disseminação, acolhimento e encaminhamento para a equipe técnica que atua nessas comunidades. As demandas identificadas pelo educador social serão encaminhadas aos técnicos que, por sua vez, as encaminharão à rede socioassistencial. O educador social acompanha todo o processo junto à equipe técnica (assistente social, psicóloga e advogada).

Com relação ao público, temos a expectativa de que possa desenvolver o seu potencial como cidadão e cidadã de direitos e de deveres, despertem para o protagonismo, conheçam e valorizem o potencial cultural e social de sua comunidade.

Etapas previstas para a formação

A capacitação do coordenador pedagógico e a definição do seu papel diante da responsabilidade de formação contínua d@s educadores(as) sociais e de si mesmo.

Etapas do projeto que já foram cumpridas

A Sistematização da prática da Coordenadora Pedagógica e o desenvolvimento do Projeto de Formação d@s Educadores(as) Sociais.

Como fizemos

- Foi necessário conhecer a instituição, como surgiu, qual a sua missão.
- Identificar o papel da Coordenadora Pedagógica e suas atribuições.
- Conhecer a práxis d@s Educadore(a)s Sociais - Conhecimento Teórico X Prática na Comunidade.

Os desafios encontrados

- Falta de tempo para a realização das tarefas.
- Dificuldade de tempo para ler os textos indicados.

Como os desafios foram enfrentados

Realizamos as tarefas após o horário das nossas atividades na instituição e nos fins de semana, de forma individual, enviando as contribuições por e-mail.

Aprendizagens da formação CASA7

- Desenvolvimento do registro das atividades realizadas nas comunidades pel@s educadores(as) sociais.
- Ter definido o espaço e as ações da Coordenadora Pedagógica.
- A troca de experiência com instituições que participaram do Programa de Fortalecimento Institucional.
- O apoio da equipe da CASA7, norteador das nossas tarefas e devolutivas.

3. Centro de Reabilitação e Valorização da Criança - CERVAC

ELOS DA INCLUSÃO

Mauricéa Santiago da Silva

Apresentação

“Elos da Inclusão” é o nome usado há mais de quinze anos para dar sentido e tornar mais lúdicas e utópicas as ações sociopedagógicas que realizo com professores e alunos nas escolas atendidas pelo Programa de Educação Inclusiva do CERVAC. Os escritos aqui reunidos se interligam para dar forma e vida ao texto; são fragmentos de momentos distintos de um relato pessoal, alicerçados em trabalhos coletivos que trazem a marca de vários profissionais e o cerne de uma instituição que aqui se unem para perpetuação e socialização da práxis de uma coordenadora pedagógica em sua ação educativa na organização.

O CERVAC- Centro de Reabilitação e Valorização da Criança surge em 27 de junho de 1988, diante da constatação da falta de políticas públicas eficientes, seja no âmbito municipal, estadual ou federal, e serviços de competência voltados para o atendimento da pessoa com deficiência. Nesse contexto, situa-se como uma iniciativa eminentemente comunitária que se inicia a partir de uma pesquisa idealizada por três jovens residentes no Morro da Conceição: Albelena Lopes de Almeida, Marcos Ferreira de Lima e Mauricéa Santiago da Silva. A pesquisa indicou um grande número de pessoas com deficiências, muitas vezes isoladas em suas próprias famílias e em situação de vulnerabilidade, o que nos impulsionou a mobilizar a comunidade para lutar pela causa da pessoa com deficiência.

Ao longo de sua história, o CERVAC conseguiu estruturar-se fisicamente e sua proposta tem obtido resultados bastante significativos no que diz respeito ao desenvolvimento de potencialidades psicomotoras do público assistido. Atualmente o CERVAC tem cerca de trezentos e cinquenta crianças, adolescentes e jovens inscritos, vindos de diversos bairros da Região Metropolitana do Recife e de alguns municípios do interior do Estado de Pernambuco, com atendimentos diários, realizados em turmas pela manhã e à tarde. Para esse público são realizados cerca de 10.000 procedimentos mensais, nas áreas de atendimento clínico e educacional.

Diagnóstico do CERVAC

O princípio básico que norteia a organização é a participação democrática de todos os segmentos envolvidos. O eixo de sua política institucional é a dimensão comunitária, em uma perspectiva de atuação crítica às formas de opressão e discriminação social, com desenvolvimento de ações solidárias ao próximo e sensibilizador quanto aos direitos sociais. No aspecto filosófico, seu eixo organizacional está alicerçado na gestão democrática; no entanto, na prática esse exercício de participação e cidadania, de tomada de decisões e execução de atividades, muitas vezes se confunde com as relações de poder e a definição de papéis, o que faz com que a intenção de gestão partilhada por vezes acabe sendo atropelada - ora pelo volume de decisões que precisam ser tomadas para agilizar as resoluções das questões do cotidiano, ora pela postura concentradora de alguns profissionais e/ou pela autonomia relativa atribuídas aos demais. No entanto, a forma de gerenciamento partilhada de fato é refletida e vivenciada na instituição.

Nesse contexto situa-se o CERVAC, uma iniciativa eminentemente comunitária, com uma história que vem se construindo a partir da atitude decisiva de várias pessoas e do engajamento delas na luta por um mundo onde as diferenças sejam respeitadas, acolhidas e a participação seja um exercício de cidadania em prol da qualidade e da valorização da vida. Sua missão é “valorizar as pessoas com deficiência, possibilitando seu desenvolvimento físico e mental, atuando nos programas de Assistência Social, Atenção à Saúde, Educação Inclusiva, Artístico Cultural, favorecendo sua inclusão social através da participação ativa em políticas que lhes garantam melhor qualidade de vida”.

Caracterização dos Educadores

A equipe de profissionais do CERVAC é bastante diversificada, a começar pela concepção de educador que a instituição tem ou se esforça para ter em sua prática. Todos são educadores em seus afazeres no CERVAC e a estrutura de funcionamento está organizada por programas, com coordenações que definem suas necessidades de estudos e formação e que levam essas necessidades para a reunião geral de coordenação. Os coordenadores elaboram seus planos de estudo junto com o grupo de trabalho, de acordo com a necessidade que o coordenador ou demais profissionais do programa identifiquem. Os desejos individuais de participação em seminários, congressos e cursos de longo prazo são respeitados pela instituição.

Programas da organização

- *Programa de Atenção à Saúde:* equipe composta por psicólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, profissionais de Ensino Médio e professores que desenvolvem suas funções de acordo com as profissões; uma estudante de fisioterapia e uma professora do magistério estudando pedagogia que realizam atividades de estimulações.
- *Programa de Educação Inclusiva:* composto por uma pedagoga e uma psicopedagoga contratadas pelo CERVAC, além de professores cedidos por meio de um convênio com a Prefeitura do Recife; estagiários de artes plásticas, administrativo, apoio pedagógico em sala de aula, serviços gerais, porteiros.

- *Programa Artístico Cultural*: funciona com um coordenador de programa, uma estudante de educação física e dois músicos.
- *Programa de Atenção à Família*: tem uma assistente social e uma estudante de Serviço Social.
- *Programa de Sustentabilidade Financeira*: tem um coordenador administrativo-financeiro e uma auxiliar administrativa. A área de Manutenção tem profissionais que assessoram a equipe, uma cozinheira, um motorista, duas pessoas de serviços gerais e de captação de recursos.
- *Programa de Comunicação*: tem por responsável a coordenadora executiva do CERVAC, que além de atender às demandas de seu programa e desenvolver muitas funções, responde legalmente e na prática pelo CERVAC.

Faz parte da equipe de profissionais da instituição, ainda, o Coordenador Geral, que desempenha a função de elaboração de projetos e acompanhamento da instituição, desempenhando várias funções administrativas e financeiras.

Reflexão de uma Coordenadora Pedagógica

A busca pela tomada de consciência e clareza no desempenho da função já faz parte do cotidiano do CERVAC. Para tanto, no planejamento estratégico trienal realizado em 2011, todos os profissionais elaboraram uma ficha que solicitava um levantamento do papel e das atribuições de cada um no conjunto da instituição, que posteriormente foi socializada e refletida coletivamente. Para a coleta de informações, realizei pesquisas em vários documentos da organização, planejamentos, relatórios de planos estratégicos anteriores e efetuei a sistematização de todas as atividades desenvolvidas. No entanto, para a elaboração de tarefas nas Oficinas de Sistematização CASA7, fiz uma releitura do material e cheguei à conclusão de que meu papel atual é muito mais o de cumprir tarefas específicas dentro da instituição, sem uma proposta pedagógica mais consistente, entendida e aceita por todos. Percebi que o que mais me encanta no geral das atividades - e aí, talvez, esteja o foco principal do meu papel - é ter um olhar mais aguçado para a garantia do universo lúdico na estrutura do CERVAC. Esse resultado apontou com mais evidência algumas questões para delinear com precisão o meu papel na instituição e minhas atribuições, expostas a seguir, bem como a possibilidade de realização de atividades nos eixos administrativo e pedagógico.

Sobre o meu papel

- Possibilitar a garantia do direito e respeito ao exercício das vivências do universo lúdico à pessoa com deficiência na estrutura do CERVAC.
- Responder pedagogicamente pelo Programa de Educação Inclusiva na instituição.
- Acompanhar o desenvolvimento pedagógico dos alunos e dar assessoria à prática dos professores.
- Identificar as demandas e necessidades em educação das crianças e adolescentes dos outros Programas no CERVAC.

Sobre as minhas atribuições

São tantas, mas algumas são marcantes e vale a pena socializá-las, tais como: elaborar, acompanhar e possibilitar o alcance das metas e a realização das atividades do Programa de Educação Inclusiva relacionadas ao POA (Plano Operacional Anual). Ainda não temos um plano elaborado para a formação dos profissionais que atuam no CERVAC; esses momentos acontecem de forma mais espontânea nos demais programas da instituição, assim como nas reuniões mensais, nos planejamentos semestrais, no apoio financeiro à participação em cursos de longo prazo, em seminários e encontros de formações, na liberação e diminuição de carga horária e até em projetos que já financiaram formação superior. No entanto, são definições ricas e comprometidas, que mesmo não estando contidas em um projeto ou programa voltado para a formação interna de todos, mesmo que pontuais, já fazem parte da cultura da instituição.

Penso em que papel gostaria de desempenhar. Essa é uma questão inquietante que merece muita calma e ponderação para ser respondida. Talvez seja instituição que deva expor que tipo de coordenador pedagógico deseja; no entanto, verifico que são muitas as atividades administrativas e pedagógicas que preciso dar conta diariamente e que esse volume prejudica o alcance de resultados mais consistentes; às vezes sufoca o cotidiano, sinto falta de um dia específico só para o registro do que foi realizado, para a elaboração de projetos, fichas, relatórios, organização da parte documental etc. No exercício da função, às vezes o papel do coordenador pedagógico se confunde com o de coordenador do Programa de Educação Inclusiva, que responde pelo programa perante a coordenação do CERVAC. São papéis diferentes, com atribuições distintas, que tento cruzar da forma mais harmônica possível. Porém, na maioria das vezes o administrativo se sobrepõe ao pedagógico e, nesse ativismo institucional, se dilui uma coordenadora pedagógica e seus conflitos profissionais...

Ao colocar-me diante desse desafio de escrever sobre a minha função, ficou clara a consciência do meu papel na instituição e o empenho empregado na busca da melhor forma para excelê-la com dignidade, sabedoria e competência, expressa na procura por qualificação, para estar atualizada e poder atender com mais eficiência e amor à minha função. Percebo que a dinâmica do CERVAC é muito flexível e, ao mesmo tempo, muito diversificada, o que exige dinamismo, criatividade e adequação. Para atender a essa demanda, procuro visualizar o melhor encaminhamento a dar para a realização das ações pedagógicas. Em serviço, adoto uma postura de muita transparência, ética, responsabilidade e amizade com todos, proponho sempre a parceria com a família e tenho particularmente uma relação intensa com a comunidade. Para finalizar essa reflexão, penso que, se fosse possível, gostaria de ter uma atuação mais focada no pedagógico, sem envolvimento com o administrativo da instituição. No entanto, como cita a música de Almir Sater, “cada sujeito carrega em sua história o dom de ser capaz e ser feliz...”.

Cada um de nós compõe a sua história

Cada ser em si

Carrega o dom de ser capaz

E ser feliz

(Almir Sater)

Formação em equipe diversificada

Como trabalhar a formação interna em uma instituição com uma gama tão diversa de profissionais, com interesses institucionais e pessoais diferentes?

Para melhor organização dessa demanda de profissionais, no último planejamento estratégico da instituição, em 2011, respondemos a um formulário que informava o papel e as atribuições dos profissionais. A partir daí, socializamos as respostas e definimos melhor as funções. No entanto, mesmo assim, a questão da formação ainda ficou sem definição; ficou, como antes, à deriva, de acordo com as necessidades pessoais e/ou pontuais. No entanto, essa questão da formação é um tema sempre abordado nas reuniões, a partir do estímulo para que todos estudem.

Essa questão ficou bem definida durante a elaboração do regimento interno, nas discussões sobre o apoio financeiro para participação em cursos e congressos, na necessidade da instituição ter profissionais da comunidade formados para assumirem os cargos, na participação da equipe em estudo de casos e aprofundamento do método. Os cursos, seminários e outras atividades externas de formação são escolhidos de acordo com o interesse individual do profissional e raramente por indicação da instituição, a não ser quando a coordenadora envia e-mail para todos os profissionais divulgando cursos, congressos e oficinas, estimulando a qualificação profissional de todos, ou quando há um curso específico que a coordenação acha importante que alguém participe.

É com muito surpresa que identifico, em nossa experiência de 24 anos como instituição, que nunca foi realizado um diagnóstico sobre as principais necessidades formativas dos educadores atuais no geral do CERVAC. O Programa de Atenção à Saúde tem levado para as reuniões gerais e de coordenação a necessidade de um aprofundamento sobre métodos de estimulação neurológica com toda equipe da organização. Para isso, em setembro e outubro de 2012 realizou uma atividade de formação para a família, que conta com a presença de educadores. Verificamos, com muita alegria, que estamos vivendo um novo tempo, rumo a um trabalho intenso de estímulos e elaboração de cursos internos na instituição.

Os marcos de formação no CERVAC (o processo formativo na organização)

Reporta-me no tempo

Penso no vento

Cheiro, rostos sorridentes

Tudo confuso, confisco na mente

Procuro os registros, são muitas as sementes

É luz, história, vivas, vigas, sentidas, urtigas,

Favos e afaços em gente

Reluz palavras

Passado em presente

Desde o seu surgimento, o CERVAC tem realizado ações formativas, mesmo que de forma espontânea. Sua existência foi marcada por grandes momentos de busca de formação qualificada para se fazer existir. Preocupo-me em como resgatar vinte e quatro anos de trabalho sem ser infiel aos marcos do tempo; são tantas histórias... Acho importante registrar que os momentos descritos são contribuições pessoais que fazem parte de um acúmulo existencial na instituição, informações pessoais de agendas antigas e relatórios. O desafio foi identificar os marcos, que na verdade são escolhas e que, em vão, procuramos que fossem coletivas. Mas o tempo não nos permitiu o alento, exceto pela presença doce e colaboradora da nossa coordenadora executiva Michelle Cristina Santos, que nos forneceu carinhosamente os registros arquivados da instituição.

Ano	Fato	Impacto na vida da instituição
11 de maio de 1988	Primeiro encontro para estudar o problema da pessoa com deficiência, antes mesmo do CERVAC existir enquanto instituição, juntamente com a elaboração do primeiro projeto e pesquisa para verificar a existência de pessoas com deficiência na comunidade do Morro da Conceição.	Esses fatos foram decisivos para o surgimento desse trabalho que tem 24 anos de ações voltadas para a reabilitação, a valorização e a inclusão da pessoa com deficiência.
26 de junho de 1988	Na busca por formação e apoio técnico, cheios de sonhos e desejos de dias felizes - como dizemos, “na busca por uma sociedade igualitária” -, partimos para uma visita à Universidade Federal de Pernambuco, visando solicitar ajuda para iniciar o CERVAC. Com bastante frustração nos encontramos com a academia, seus saberes, leis e estruturas rígidas, mas não desistimos com os vários “nãos” recebidos. Perseguimos nossa caminhada em busca do direito de ser cidadão e da realização do sonho...	Chegando à comunidade, tristes, mas com muita disposição, procuramos o Conselho de Moradores local, as lideranças, nossos familiares, o padre da Igreja (na época, Reginaldo Veloso) e juntos fizemos uma assembleia que respaldou nossos sonhos e contribui para torná-los realidade. E assim surge o CERVAC.
15 de julho de 1988	Três jovens e um sonho, na busca por formação, viajam ao Rio de Janeiro para fazer um curso de Estimulação Neurológica, realizado pelo Instituto Nossa Senhora da Glória, com apoio do Instituto do Desenvolvimento do Potencial Humano da Filadélfia.	Esse curso foi um marco, pois nos credenciou para atuarmos com a causa da pessoa com deficiência e nos permitiu abrir o CERVAC.
28 de agosto de 1988	Nosso primeiro curso para familiares e educadores de pessoas com deficiência.	Esse curso acontece até hoje: “a família é o principal terapeuta do seu filho”. Esse é o lema que aprendemos no curso, muitas vezes repetido pelo Dr. Carlos Veras, diretor do Instituto Nossa Senhora da Glória do Rio de Janeiro. Esse é um dos aspectos que dá base ao nosso trabalho: o papel da família na reabilitação e inclusão dos filhos.

30 de junho a 02 de julho de 1989	Realizamos uma avaliação da equipe em Gravatá.	<p>Foi uma semana decisiva para o aprofundamento dos métodos, para a definição das estratégias de trabalho e a elaboração das ações com o público a ser atendido.</p> <p>Reafirmamos o nosso compromisso com os excluídos da sociedade, refletimos sobre a nossa filosofia institucional comunitária e voltamos para o Morro da Conceição, no Recife, alimentados de sonhos e com muitos planejamentos para colocar em prática.</p> <p>Hoje penso que o encontro foi definitivo para a garantia da continuidade do nosso trabalho e para a consolidação da maneira própria do nosso fazer.</p> <p>Até os dias atuais continuamos buscando formas de ampliar e melhorar o nosso fazer - como diz Paulo Freire: <i>“continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar a novidade”</i> (FREIRE, 2004, p. 29 <i>apud</i> RECANTO DAS LETRAS, SL/SD).</p>
Maio de 1993	Estimulados pelo desejo contínuo de conhecimento, a equipe de prevenção do CERVAC consegue elaborar a “Cartilha de Prevenção” através da FUSAM, da Secretaria de Saúde do Estado de Pernambuco, com tiragem de dez mil exemplares.	<p>Até hoje distribuimos essas cartilhas nas escolas onde fazemos palestras, universidades e para estagiários do curso de Pedagogia. Esse foi um momento de demarcação da política de formação externa da instituição. A cartilha foi fruto de um largo trabalho de pesquisa que possibilitou um estudo das causas e dos modos para evitar o nascimento de pessoas com deficiência, bem como reabilitá-los.</p> <p>Em 2013 vamos reeditá-la nas comemorações dos 25 anos do CERVAC como: “Em busca de um mundo melhor”.</p>
10 de maio de 1996	Com a chegada da equipe técnica, ou seja, dos profissionais da área de psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, deu-se início aos Estudos de Patologias dos casos de crianças, adolescentes e jovens atendidos pelo CERVAC.	<p>Houve conflito com relação à forma de se conceber os saberes e como colocá-los em prática - choque entre o conhecimento acadêmico, trazido pelos técnicos, e os saberes do povo, acumulados nas experiências da vida.</p> <p>Esse foi um divisor de águas na instituição que nos impulsiona a buscar maior profissionalização. Mesmo com alguns de nós formados, ainda hoje existe a divisão entre os profissionais da comunidade e os técnicos.</p>
Fevereiro de 1999	Primeiro Planejamento Estratégico.	A partir dele elaboramos a nossa missão, definimos as metas e mudamos a nossa forma de organização do trabalho na instituição.
1999	Investimento na formação em curso de fonoaudiologia e musicoterapia para profissionais escolhidos na instituição.	Surge o trabalho por equipes: Conscientização, Reabilitação, Captação de Recursos e Prevenção.
2000	Primeiro simpósio promovido pelo CERVAC na Universidade Católica - UNICAP, com participação de profissionais do CERVAC, pais e outras instituições parceiras.	Momento único de formação e partilha de conhecimentos que nos mostrou o nosso potencial na produção de conhecimento.

2000 a 2012	Liberação de recursos para participação em cursos e seminários.	Instituições parceiras apoiando a formação.
2011	Revisão do Regimento Interno que aborda a questão do nível de escolaridade para a melhoria financeira dos profissionais.	É a lei maior, elaborada por todos, norte nas decisões, que por vezes é esquecido.
Setembro e Outubro de 2012	Curso para mães, realizado até os dias atuais.	Temos provas concretas da importância da família na reabilitação e inclusão dos filhos e no quanto o afeto e a perseverança familiar contribui com o trabalho dos profissionais.
De 1986 a 2013	Reuniões mensais da equipe, às vezes por programas, equipes de trabalho, temas ou temáticas surgidas da necessidade da instituição.	Essas reuniões, no início do CERVAC, eram semanais, depois passaram a ser quinzenais e hoje são mensais. Momentos de formação em cidadania, socialização de saberes e troca de experiências, informações e agendas.
2013	Busca da formação permanente dos profissionais do CERVAC e a realização da reabilitação com base na comunidade. Voltamos ao nosso fazer inicial, identificamos as atividades que existem até hoje com esse foco e vamos nos apropriar mais do formato nos tempos atuais.	Como definiu o nosso Coordenador Geral, é um momento que visa “contribuir para que as famílias e as comunidades tenham acesso às informações necessárias, que os levem a estabelecer uma vivência compartilhada de responsabilidade social”.

Vivências em sala de aula na perspectiva da inclusão escolar - Um Projeto de Formação em Educação Inclusiva para os profissionais do CERVAC

Projeto de curso que se propõe a sensibilizar os profissionais e a coordenação do CERVAC sobre a importância de garantir a existência do trabalho de educação na organização. É preciso entendê-lo como promotor do processo de inclusão da pessoa com deficiência, contribuindo para as reflexões dos profissionais de educação, de forma a levá-los a conhecer mais profundamente as estratégias que facilitam o processo de aprendizagem e os hábitos de estudo dos alunos, a prevenção de dificuldades e a promoção de aprendizagem, bem como para buscar a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

O curso terá como viés a sensibilização quanto à importância da inclusão escolar como forma de garantia do exercício do direito e participação cidadã, de modo a favorecer a inclusão dos alunos com necessidades especiais no cotidiano das escolas.

Aos profissionais do CERVAC e professores convidados, vamos apresentar experiências no campo da educação inclusiva com alunos autistas e com paralisia cerebral, sensibilizando para um outro olhar possível com relação ao potencial de aprendizagem desses alunos, bem como o conhecimento de estratégias para uma atuação mais eficaz em sala de aula. Neste sentido, queremos contribuir com sugestões metodológicas que viabilizem a construção do conhecimento dos profissionais em relação ao desempenho pedagógico dos com alunos com deficiência.

Metas

Assegurar à coordenação do CERVAC, bem como aos demais profissionais dos programas, ações que estimulem a reflexão sobre a importância do trabalho de educação desenvolvido na instituição, para a inclusão escolar e a garantia da cidadania da pessoa com deficiência.

Objetivos

- Sensibilizar os profissionais do CERVAC sobre a importância da inclusão escolar como forma de garantia do exercício do direito e participação cidadã da pessoa com deficiência.
- Proporcionar reflexão em relação à importância das práticas pedagógicas dos professores envolvidos no processo de inclusão escolar no CERVAC.
- Socializar experiências da vida cotidiana na sala de aula no CERVAC e suas várias faces em busca da inclusão escolar.

Expectativas de aprendizagem

Que os profissionais do CERVAC compreendam como funciona o trabalho de Educação Inclusiva nos aspectos pedagógicos e legais, nos âmbitos nacional, estadual, municipal e na instituição, bem como a sua importância para inclusão da pessoa com deficiência na escola.

Conteúdos da Formação

- Trajetória e evolução da educação voltada para o atendimento às pessoas com necessidades educacionais especiais.
- Práticas exitosas de alfabetização no Atendimento Educacional Especializado (AEE).
- Aspectos legais da Inclusão Escolar.
- Práticas exitosas de alfabetização de alunos com Deficiência Múltipla.
- Importância da Educação Inclusiva para a garantia dos direitos dos alunos com necessidades especiais.
- Práticas exitosas de alfabetização de alunos com Transtornos de Desenvolvimento Global (espectro autista).
- Estratégias, metodologias e instrumentos de avaliação na promoção e inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais.
- Tecnologias Assistivas: materiais e recursos adaptados para o aluno com necessidades educativas especiais.
- O papel do professor e do psicopedagogo em uma perspectiva de inclusão escolar.
- Práticas exitosas de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual na Turma do EJA - Educação de Jovens e Adultos.
- Práticas Exitosas e considerações sobre o esporte e a dança sobre rodas.
- A dança: benefício para a alma e para o corpo.
- Prática exitosa: Grupo Arco Iris do Sonho.
- O papel da equipe multidisciplinar no âmbito do CERVAC e sua importância em relação à aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais.

- A área de saúde em parceria com a educação no atendimento aos alunos com necessidades especiais.
- Reflexão sobre a importância do trabalho de educação do CERVAC, possibilidades e desafios para os 25 anos: “CERVAC em busca de um mundo melhor”.

Expectativas de aprendizagem do trabalho com as crianças/jovens

A instituição trabalha com crianças, adolescentes e jovens com vários tipos de deficiências, por isso almejamos:

- O desenvolvimento do potencial cognitivo dos educandos, respeitando suas especificidades.
- A participação em vivências de experiências lúdicas e pedagógicas que estimulem o crescimento dos alunos nos aspectos cognitivo, afetivo, social, motor, facilitando a sua inclusão na escola.
- Condições pedagógicas para desenvolvimento da capacidade de ler, escrever, compreender, raciocinar, interagir, participar de modo consciente, a partir da exploração contínua dos conhecimentos acumulados e de vivências concretas em sala de aula.
- Que se identifiquem como cidadãos ativos e participativos de um processo e respeitados no seu modo de ser.
- Que sejam incluídos na escola e consigam terminar a sua escolarização.

Etapas de desenvolvimento do projeto de formação

Será realizado a partir de dez oficinas denominadas “Elos da Inclusão - Vivências em Sala de Aula na Perspectiva da Inclusão Escolar”, com duração de duas horas cada, totalizando a carga horária de 20 horas.

Procedimentos

As atividades vão consistir em exposições dialogadas de conteúdos com auxílio de data show e na socialização de experiências exitosas de alfabetização em turmas de alunos com deficiência.

Pauta da Formação (data a ser definida em fevereiro de 2013, na reunião geral da organização)

Oficinas e Conteúdos	Facilitadores
1º Dia 1. Abertura - Dinâmica de descontração. 2. Trajetória e evolução da educação voltada para o atendimento a pessoas com necessidades educacionais especiais. 3. Prática exitosa de alfabetização no Atendimento Educacional Especializado (AEE).	Profa. Mauricéa Santiago da Silva Jaqueline Oliveira Arão Prof. Alberto Melquiades da Silva Filho Convidado
2º Dia 1. Aspectos legais da Inclusão Escolar. 2. Práticas exitosas de alfabetização de alunos com Deficiência Múltipla.	Profa. Maria de Fátima Monteiro dos Santos Gerencia de Educação Especial da PCR

<p>3º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Importância da Educação Inclusiva para a garantia dos direitos dos alunos com necessidades especiais. 2. Prática exitosa de alfabetização de aluno com Transtornos de Desenvolvimento Global (espectro autista). 	<p>Convidado</p> <p>Profa. Maria Janice Magalhães Correia de Melo</p>
<p>4º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Estratégias, metodologias e instrumentos de avaliação na promoção e inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais. 2. Tecnologias Assistiva: materiais e recursos adaptados para o aluno com necessidades educativas especiais. 	<p>Profa. Maria de Fátima Monteiro dos Santos</p> <p>Profa. Neuma Silva Siqueira</p> <p>Convidados</p>
<p>5º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os diferentes âmbitos institucionais que interferem no processo de aprendizagem e escolarização do aluno com deficiência. 2. Práticas exitosas de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual. 	<p>Profa. Mauricéa Santiago da Silva</p> <p>Convidado</p>
<p>6º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O papel do professor e do psicopedagogo em uma perspectiva de Inclusão Escolar. 2. Práticas exitosas de alfabetização de alunos com Deficiência Intelectual na Turma do EJA - Educação de Jovens e Adultos. 	<p>Jaqueline Oliveira Arão</p> <p>Profa. Neuma Silva Siqueira</p> <p>Convidados</p>
<p>7º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Artes Plásticas e Música: Estratégias metodológicas para viver com arte uma experiência inclusiva. 2. Prática exitosa: Banda CERVAC: Uma força especial. 	<p>Profa. Mauricéa Santiago da Silva</p> <p>Convidados</p> <p>Músico Reginaldo Moreira da Silva</p> <p>Músico Manoel Santana</p>
<p>8º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Práticas exitosas e considerações sobre o esporte e a dança sobre rodas. 2. A dança: benefício para a alma e para o corpo. 3. Prática exitosa: Grupo Arco Iris do Sonho. 	<p>Laís Marina Paz de Oliveira</p> <p>Convidada: Suzete Alves</p> <p>Coordenadora do Programa Artístico Cultural do CERVAC</p>
<p>9º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O papel da equipe multidisciplinar no âmbito do CERVAC e sua importância em relação à aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais. 2. A área de saúde em parceria com a educação no atendimento aos alunos com necessidades especiais. 	<p>Profa. Maria Janice Magalhães Correia de Melo</p> <p>Convidado</p>
<p>10º Dia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Reflexão sobre a importância do trabalho de educação do CERVAC. Possibilidades e desafios para os 25 anos “CERVAC em busca de um mundo melhor”. 	<p>Profa. Mauricéa Santiago da Silva</p> <p>Mesa redonda - Convidados</p>

Avaliação

A avaliação será realizada durante todo o processo, de forma qualitativa no que se refere às participações durante a exposição e às atividades práticas, e também por meio de fichas para registro de opiniões.

Materiais/recursos necessários

Data show; som; CD; DVD; papel ofício; giz de cera; cordão; tesoura; revistas usadas.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional - LDB. 5ª ed. Brasília: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. Coordenação de Biblioteca, 2010.

BRASIL. Livro do Cidadão. 3ª ed. revista e atualizada. Brasília, DF: Advocacia Geral da União, Ministério da Justiça. 2006.

Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID 10. Décima Revisão; Vol. I. Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português (Centro Brasileiro de Classificação de Doenças). Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo / Organização Mundial de Saúde / Organização Pan-Americana de Saúde. S/L, 2008.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social. Brasília, DF: MEC / ACS, 2005.

FLUENTES, D. *et al.* Neuropsicologia: teoria e prática. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2008.

MANTOAN, M. T. E; PRIETO R. G. Inclusão escolar: pontos e contra pontos, 2ª ed. São Paulo, SP: Summus, 2006.

REGO, T. C. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. SI/ 2010.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem na Área da Deficiência Intelectual. São Paulo, SP: Secretaria Municipal de Educação / DOT, 2008.

SASSAKI, R. K. “As escolas inclusivas na opinião mundial”, 2003. Rede de Informações sobre Deficiência. Disponível em: <http://www.entreamigos.com.br/escolasinclusivas>.

TESSARO, N. S. Inclusão escolar: concepções de professores e alunos da educação regular e especial, 1ª ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2005.

UNESP. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Postado através do Módulo 2, agenda 1 do Curso do Atendimento Educacional Especializado-UNESP. São Paulo, SP: MEC/SEESP, 2011.

Partilhando alguns momentos do registro da prática

O relato abaixo faz parte de um novo momento que pretendemos iniciar no CERVAC de registro da prática. Como resultado dessa ação, para esse ano de 2013 já deixamos reservados os últimos 50 minutos diários e encontros quinzenais entre pedagoga e psicopedagogas para trocas de experiências, acompanhamento do desenvolvimento os alunos e registro da prática.

Registro da Coordenadora Pedagógica (Mauricéa Santiago da Silva)

Registro da reunião pedagógica com os professores das turmas do Programa de Educação Inclusiva do CERVAC, anexo da Escola Municipal Júlio Vicente Alves de Araújo

A reunião foi realizada em Recife, em 28 de setembro de 2012, no CERVAC, das 8h às 12h, com intervalo às 10h para o lanche, com a presença das professoras Maria de Fátima Monteiro dos Santos, responsável pela turma de Deficiência Múltipla, Maria Janice Magalhães Correia de Melo, da turma de Transtorno Global do Desenvolvimento, Neuma Silva Siqueira, da turma da Educação de Jovens e Adultos, e com o professor Alberto Melquiades da Silva Filho, que faz o Atendimento Educacional Especializado. Essa reunião faz parte de uma programação de quatro momentos, sendo esse o nosso terceiro encontro junto com os professores, visando acompanhar a prática pedagógica e o desenvolvimento dos alunos, bem como proporcionar momentos de troca de ideias, socialização e fortalecimento da amizade entre o grupo de trabalho.

No primeiro momento foi apresentada a pauta a todos os professores, em seguida realizada uma leitura da mesma, com reflexão da prática a partir de cinco perguntas propostas por orientadoras, que foram elaboradas tendo por base o filme “Corrente do Bem”, de Mimi Leder: *O que o mundo quer de nós? O que estamos fazendo para mudar o mundo? O meu trabalho é algo que vai além do meu fazer diário, que gera consequências, que provoca transformações? O que você está fazendo para mudar o futuro, para deixar a sua marca no mundo? Onde fica o reino das possibilidades em cada um de nós?*

Essas perguntas visavam suscitar nos professores uma reflexão sobre a prática, de forma a que entendessem a importância do registro da prática para a disseminação de conhecimentos, a socialização de experiência e a troca de saberes. Penso que o objetivo foi atingido e os profissionais ficaram propensos a escrever sua vivências pedagógicas. Nesse momento partilhei algumas informações com relação aos conhecimentos adquiridos na Oficina de Sistematização da Prática Educativa CASA7 e me comprometi a enviar o material recebido a todos.

A metodologia utilizada foi o trabalho dirigido a partir de perguntas orientadoras que possibilitassem uma reflexão sobre sua prática pedagógica e, ao mesmo tempo, que estimulassem a vontade de registrar suas experiências em sala de aula. Um professor falou que “os desafios são muitos, que na verdade é preciso ter muita força de vontade e trabalhar com consciência do que se faz e gostar de fazer, o que ajuda a ter bons resultados e ser feliz”. Outro cita a importância do registro e que “trabalhar com o aluno especial já é uma possibilidade de mudar a forma da educação e aceitar quem tem algum tipo de deficiência”.

Coloquei que o bem extrapola qualquer questão e que a nossa prática precisa ser conhecida e divulgada para ser um exemplo de experiência. Aí perguntei quem sabe como M, aluna com autismo, foi

alfabetizada. Que metodologias foram usadas, como foi a sua relação com os colegas, com o ambiente etc. Citei que *“o que não está escrito, não existe”*. Nesse momento insisti no argumento e indaguei: *Cadê as informações? Como partilhar esse saber se não foi registrado em nenhum lugar?* Afirmei com ênfase: *“... o seu trabalho é conhecimento e precisa ser registrado para que outros saibam e possam usufruir do que tem de bom e belo nele, pois não conhecemos...”*.

Depois de socializar essa prática com todos, a professora falou que *“usou vários métodos, até ‘Casinha Feliz’, os tradicionais e sócio-constructivistas”*. A aluna M foi alfabetizada por Maria Janice Magalhães Correia de Melo, da turma de Transtorno Global do Desenvolvimento, e incluída em uma escola da rede municipal, no ensino regular, no ano de 2012. Está sendo um processo de inclusão bem difícil, devido às várias barreiras atitudinais existentes no interior das escolas e nas famílias.

A conversa continuou e outra professora falou: *“precisamos deixar algo de bom para partilhar com os outros, o que nossos alunos aprendem e o registro do que fazemos são formas de partilhas os escritos”*. Após esse momento, as indagações foram às vezes extrapolando o campo do tema específico; ao mesmo tempo, eram questões pertinentes, tendo em vista os últimos acontecimentos e as mudanças organizacionais da instituição, entre outras questões mais estruturais e polêmicas. As inquietações foram sendo citadas aos poucos e partilhadas por todos, uns concordavam outros não: *“o geral do CERVAC esqueceu o Programa de Educação”*, citava um. *“Está faltando mais apoio na área de atendimento dos outros profissionais”*, falava outro. *“Os alunos precisam de um ambiente de descontração e uma recreadora”*, dizia outro. *“O bom disso tudo é que o nosso grupo é unido e temos o mesmo tipo de pensamento para encaminhar as questões”* dizia outra.

Depois passei para o segundo momento, com a seguinte pergunta: *como vai a turma? Quais são as novidades boas e as preocupações de vocês?* Agora, ao escrever, percebo que naquele momento os professores já estavam partilhando suas inquietações, que não havia nem necessidade daquele recorte; foi muita falta de atenção e pragmatismo demais em um momento tão único. Então saí do foco do educador e passei para o processo de aprendizagem dos alunos. Cada profissional foi falando dos seus alunos individualmente, às vezes os demais faziam perguntas ou colocações, sugestões de como resolver as questões ou citando exemplos práticos de sala de aula, com situações parecidas.

A partir da problemática dos alunos que iam relatando ou da lacuna em algum serviço, já fazíamos o encaminhamento da questão, a exemplo do caso do aluno R, que estava sem atendimento psicológico. Foi chamada a psicóloga na reunião para esclarecer alguns fatos de organização de horários e novos procedimentos.

Ficou acordado que em 2013 vamos fazer reuniões com as famílias e deixar claro as necessidades de atendimentos na área clínica para os alunos. Outra questão definida é que vamos procurar formas de participar de uma reunião do PECONDUZ (programa do governo estadual que só transporta os alunos para atendimento clínico, não considerando o atendimento em sala de aula). Os professores citaram que as dificuldades dos alunos eram mais de ordem pessoal, por problemas familiares e/ou ocasionado pela seqüela da deficiência, agravado pelo excesso ou falta de medicação no momento certo. A professora Janice solicitou apoio para a marcação de médicos para os alunos L e L, quando definimos solicitar ajuda da Assistente Social. Eu e a professora explicamos que foi realizada uma visita a casa deles, que são gêmeos com diagnóstico de Espectro Autista. A reunião foi com a avó materna, pois a mãe, devido a

problemas sociais, tinha deixado os filhos a cuidado da avó, uma senhora bem cansada com a dureza da vida...

Em seguida, a professora Neuma relatou que estava fazendo círculos de aprendizagem com sua turma do EJA, que atendeu cada aluno individualmente e em grupo, que faz trabalho com o concreto, tendo por base a realidade dos alunos, que uns avançam e outros retrocedem na aprendizagem, que sua metodologia é de autonomia construída coletivamente. Após cada professor colocar suas vivências em sala de aula e a situação individual dos alunos, com suas necessidades pedagógicas e sociais, passamos para outro ponto da reunião. Vimos as proposta de educação para o CERVAC até dezembro de 2012, o calendário foi distribuído, verificamos se o Plano de Desenvolvimento Educacional está sendo posto em prática e como está sendo realizado. Os professores citaram que não estão fazendo na íntegra, pois o plano não se adéqua à realidade, mas que a anamnese contribuiu muito para conhecer a realidade dos alunos. Foi ainda apresentado o calendário de outubro a dezembro 2012, com atividades festivas. Agradei a todos pelas produções pedagógicas dos alunos e alunas, tão belas que tornam o ambiente mais lúdico e acolhedor.

Um ensaio de síntese

Talvez para entender melhor por que escolhi fazer esse projeto, nessa linha de ação, seja necessário contextualizar o início do trabalho com educação no âmbito do CERVAC. Para entender como tudo aconteceu...

Pensar no desafio de realizar um trabalho de educação com crianças e adolescentes com deficiência é uma questão muito mais desafiadora do que a princípio pode parecer. Foram muitos os questionamentos e reflexões, e foi a partir das dúvidas e análises das possibilidades para atender às necessidades surgidas no dia-a-dia da práxis pedagógica que surgiu o trabalho de educação como mais uma área de ação no CERVAC.

No ano de 2007, o Departamento de Educação Inclusiva estabeleceu um convênio com a Prefeitura Municipal do Recife, oferecendo escolarização para quatro turmas, como anexo da Escola Municipal Júlio Vicente Alves de Araújo. Não foi fácil iniciar o trabalho, mas não impossível, devido à própria experiência do CERVAC. Talvez tenha sido a pulsão de vida que nos move que nos impulsionou a tentar realizar esse trabalho, com a perspectiva de ser capaz de mover destinos, de maneira a nos permitir fazer do labor diário algo em prol do crescimento nosso e do outro.

A conquista desse convênio foi resultado de um trabalho que já havia sido realizado muito antes, escrito por mim em 2002 para elaboração do Projeto Político Pedagógico da área de Educação do CERVAC.

A semente foi plantada com aquela decisão de iniciar o trabalho de educação no CERVAC. O início foi em 1991, a partir do desejo de um integrante da equipe em dar assistência específica na área pedagógica a uma criança com Síndrome de Down que estudava pela manhã e à tarde frequentava o CERVAC. Em conversa com a mãe, fui percebendo que a criança estava com o seu tempo diário todo preenchido, que precisava fazer atividades escolares em casa, à noite, quando já estava cansando e indisposto para fazê-las. Além disso, apresentava dificuldade para acompanhar o nível da turma na escola. Visando atender à necessidade dessa criança, foi realizado um esquema pela área de linguagem, que tinha um programa voltado para estímulos à leitura, desenvolvimento da linguagem e percepção, concentração, atenção,

audição, memória que atendessem à criança, ajudando-a na realização das atividades escolares de casa. Ficou claro que não era suficiente estimular os familiares dessa criança a matriculá-la em outra escola, principalmente por considerarmos as barreiras arquitetônicas visíveis e os preconceitos e discriminação, além do cansaço da mesma.

Com o passar dos anos, o trabalho tomou outra dimensão pedagógica. Além de prestar suporte pedagógico para a realização das tarefas de casa, ampliou o atendimento para reforço em salas de alfabetização a alunos do Ensino Fundamental com dificuldade. Passamos a funcionar com turmas de Educação Especial com nível de pré I e II, a fazer o acompanhamento individual e a inclusão no Ensino Especial, Fundamental da Rede Pública, Privada e comunitária.

Ousamos dizer que estamos entre os primeiros na luta contra a discriminação, quebra de tabus e estigmas, gerados a partir de preconceitos causados muitas vezes pela falta de informação ou assimilação de valores sociais preconcebidos. Na época não existia área de educação, o processo foi compartilhado com todos sem diferenças de áreas de trabalho. O que importava para nós, como diz Milton Nascimento em sua música, era “cuidar do broto”...

Avançamos muito, mas ainda temos um desafio diante da atual conjuntura organizacional do CERVAC. Com uma gama de profissionais de várias áreas, como psicologia, fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional etc., verifica-se a necessidade dos demais profissionais da instituição compreenderem de forma mais sistemática a real importância do trabalho de educação desenvolvido no CERVAC, como forma de promover as condições socioeducativas de atendimento às dificuldades dos educandos, de modo a favorecer a sua inclusão na rede de ensino. Isso é realizado a partir de uma abordagem interdisciplinar, percebendo o aluno como um ser único, não em partes fragmentadas. Além disto, o CERVAC, por estar completando 25 anos, está vivenciando um momento de reestruturação de seus trabalhos.

Percebemos que, por parte dos demais profissionais e às vezes até dos professores e da sociedade em geral, há dúvidas sobre as reais condições de aprendizagem e a presença da pessoa com deficiência no ambiente escolar. Existem várias barreiras atitudinais e arquitetônicas, como cita Mantoan (2006, p.60): “o primeiro equívoco que pode estar associado a essa ideia é o de que alguns vão à escola para aprender e outros unicamente para se socializar. Escola é espaço de aprendizagem para todos!”. Essa afirmação converge com as mudanças ocorridas nas políticas públicas de oferecimento de educação inclusiva, que são nada mais que fazer justiça a direitos que durante muito tempo foram negados.

Ao finalizar as Oficinas de Sistematização da Prática Educativa CASA7, não ficaram apenas inquietações pessoais de uma coordenadora pedagógica, mas um projeto bem concreto que está em processo de elaboração e que está sendo construído a partir de sugestões de colegas de trabalho e escutas do coração. Partilho o projeto com vocês não como um produto acabado, mas como o início de um novo tempo de formação no Programa de Educação Inclusiva no CERVAC.

A princípio surgiram várias propostas para a definição do foco do projeto, dos conteúdos e do público-alvo. A questão foi refletida na reunião de coordenação da instituição, quando ficou definido que seria elaborado um curso com abordagem profissionalizante. Diante das mudanças estruturais no funcionamento da instituição para o ano de 2013, ficou evidente a falta de compreensão por parte de alguns profissionais sobre a real importância do trabalho da instituição no campo da educação inclusiva e sua importância para

o processo de inclusão da pessoa com deficiência. Assim, é necessário um curso para aprofundamento desta questão e socialização das práticas exitosas em alfabetização nas turmas com alunos com transtornos de Desenvolvimento Global Evasivos, de Deficiência Física com Paralisia Cerebral e Educação de Jovens e Adultos.

Diante da possível ameaça de término do trabalho de Educação no CERVAC, entendemos que esse projeto vai possibilitar a todos conhecerem com profundidade as experiências exitosas em educação na instituição e se apropriarem para partilhar.

Aprendizagens durante as Oficinas de Sistematização

- Percebemos que precisamos avançar mais no processo de registro da prática.
- Percebemos a nossa dificuldade em escrever.
- Percebemos que o ativismo dilui o belo e o pedagógico, que o coletivo é perigoso, forte e doce como uma colmeia de abelha, que nunca sabemos tudo e que estamos sempre aprendendo.
- Foi duro perceber que, sendo coordenadora pedagógica, nunca ousei propor um projeto de capacitação interna na instituição. Foi maravilhoso construí-lo.
- No caminho sempre encontramos obstáculos, às vezes mais do que facilidades, mas estamos na estrada.

4. Em Cena Arte e Cidadania

Mieja Chang

Introdução (ou o início da conversa!)

A Em Cena Arte e Cidadania é uma organização que atua no bairro dos Coelhos, promovendo aulas de dança, música e humanidades para crianças e adolescentes. Tem sua metodologia de trabalho centrada nos três pilares da Arte Educação: (1) o aprendizado dos conceitos e técnicas da arte; (2) o fazer artístico com a experimentação, criação e interação com um público; e (3) a contextualização temática e/ou histórica, acrescido de encontros de humanidades e de atividades de fortalecimento dos laços familiares e comunitários.

Por que arte e arte-educação? As perspectivas críticas em educação e arte-educação apontam para a necessidade de se entender a educação como um processo de construção de criticidade e autonomia para o desenvolvimento de uma cidadania voltada para a transformação social.

A arte-educação assim entendida e, mais especificamente, a dança educação, aproxima-se dos trabalhos desenvolvidos por Ana Mae Barbosa (1998) e Isabel Marques (1997, 1999 e 2003), no sentido de estabelecer o ensino da arte na contemporaneidade a partir das teias de relações que vivemos, percebemos e imaginamos para nossa vida em sociedade. Ambas as autoras atuam inspiradas e balizadas pelas obras do educador Paulo Freire.

A organização existe há 14 anos e atualmente totaliza um grupo de sete educadores. No quadro da equipe, há o Coordenador Pedagógico que desenvolve múltiplas funções e, infelizmente, ainda não conseguimos implementar um Projeto de Formação de Educadores na instituição de forma planejada, com objetivos e fins claros.

As intervenções com os educadores vão acontecendo na medida em que há a necessidade de debater sobre algum tema específico. Reunimo-nos uma vez ao mês para discutir sobre alunos/as, problemas, planejamentos, visitas, enfim, sobre a funcionalidade da instituição. Quando necessário (embora acredite que sempre é!), é nestes encontros que se estuda algum texto. A ideia, neste momento, é buscar instrumentos para elaboração de um projeto que possa ser posto em prática no 1º semestre de 2013.

Em relação ao papel do Coordenador Pedagógico, acredito que está intimamente vinculado às tarefas pedagógicas da instituição, embora este conceito nem sempre corresponda à prática cotidiana. Estar preparado para ajudar os professores e deixar harmônicas as atividades presentes na instituição é uma das prioridades no desempenho da Coordenação Pedagógica. Não há intenção de julgar planejamentos ou didáticas, mas permitir que haja coerência na aplicabilidade dos conteúdos, inclusive norteando-os com a missão da organização que, no caso, é o eixo central para o desmembramento das atividades desenvolvidas.

Acredito que não há a necessidade de ter domínio sobre os diversos assuntos em questão (no meu caso, música e humanidades). Procurar incentivar os professores a avançar nos seus estudos e provocá-los, lançando desafios, também é um dos papéis da Coordenação.

Quando me refiro ao exercício de outras atividades que não são exatamente da função de Coordenação Pedagógica, é porque paralelamente há conversas e visitas com a família, matrícula de alunos/as, observação e implementação do cardápio de lanche, distribuição de farda, entre outros. Não há como exercer uma única função.

O que seria ideal (o desejo) é o Coordenador Pedagógico poder exercer exclusivamente a sua função. Desta forma, focaria mais nos seus objetivos e intervenções, podendo ajudar mais as atividades dos/com professores. As múltiplas funções da Coordenação impedem, de certa forma, o tempo para seu estudo e pesquisa pessoal. Gostaria também de fazer com que os professores envolvidos tivessem formação continuada com mais frequência. E mais estímulo ao ato de ensinar. A sala de aula tem sido um local difícil! É desafiador fazer com que o grupo entenda que há sentido em tudo que você explica. Sem contar nas especificidades de cada turma. Isso cansa, é verdade. Manter o quadro de professores motivados e desejando mudanças significativas é um desafio ao Coordenador.

Linha do tempo, grandes marcos!

1998:

- Fundação da Em Cena Arte e Cidadania.
- Necessidade dos professores mergulharem no universo da comunidade dos Coelhos, percebendo as peculiaridades e organização social do bairro.

1999:

- Introdução das aulas de balé clássico, música e cidadania.
- Selecionar crianças e adolescentes para fazer parte do quadro de alunos da instituição.
- Desmistificar a aula de dança para meninos, pois na comunidade isso é coisa de homossexual.
- Ensinar na íntegra o balé clássico, inclusive com a mesma rigidez das escolas de formação em dança clássica.

2000:

- Saída de Larissa Araújo e Denys Nevidomy, professores formados no Balé de Kiev.
- Busca de outros professores. Isso causou impactos na organização, em um momento em que se percebe que a ideia inicial sobre a formação em dança clássica para crianças e adolescentes poderia não ter continuidade. A contratação de novos professores causa estranhamento no grupo de alunos/as, pois surgem com outros métodos de ensino. Alguns professores se adaptaram, outros não. As vivências em dança dos novos profissionais são aceitas, entretanto, a ideia inicial da formação em dança clássica pelo método russo é mantida. Não houve um projeto de formação para essas novas pessoas. Em reuniões e observações das aulas aplicadas, iam-se pontuando alguns aspectos que poderiam ser melhores adaptados ao grupo, tais como: desenvolvimento da aula, metodologia, postura professor x aluno, método de ensino.

- Início das aulas de dança contemporânea.
- Com a entrada de outros profissionais, percebe-se a necessidade de investir em outra linguagem de dança sem perder as aulas de clássico. Reflexões são feitas sobre a rigidez imposta pela metodologia russa em um corpo brasileiro, em relação ao tipo de estrutura corporal. Houve também debates sobre a importância de haver a dança contemporânea nas aulas, pois este tipo de dança permite que o indivíduo crie, ouse, se perceba enquanto sujeito participante da dança e não meramente um executor de passos. As aulas de dança contemporânea ainda são tímidas, ocorrendo em intervalos espaçados, a critério do professor.

2001 e 2002:

- Dois espetáculos de dança: um realizado pelas novas professoras (três cenas) e outro com subvenção do Governo do Estado que permitiu contratar uma coreógrafa atuante na cidade (“Na Mancha Ninguém me Pega”).
- As professoras de dança se fortalecem após a Em Cena Arte e Cidadania iniciar a sua trajetória artística no cenário local. A partir desse momento, a organização deu um salto qualitativo em relação à produção artística, que nos levou a diversificar a linguagem da dança e, conseqüentemente, das outras áreas artísticas trabalhadas pela instituição.
- Investigações e estudos são sempre frequentes, melhorando a qualidade técnica tanto das aulas, quanto dos espetáculos.
- Oportunidade de estar envolvida com Maria Paula Costa Rêgo, coreógrafa convidada para fazer o espetáculo “Na Mancha Ninguém me Pega”. Observar o seu processo de criação e a forma como se pode trabalhar a dança contemporânea com crianças e adolescentes foi um benefício para a aprendizagem dos professores da instituição.

2006:

- Criação do Coro da Em Cena Arte e Cidadania.
- A música começa a buscar o seu espaço na cidade e necessita de um olhar mais apurado dos professores em relação à qualidade e ao tratamento da voz. A equipe de música direciona o seu foco não só para o ensino preliminar, mas também para a preparação de crianças e adolescentes coristas.

2007 a 2010:

- Entrada de Regina, que consegue aproximar a instituição da comunidade, realizando a Terapia Comunitária com a família. Deste trabalho resulta a criação do grupo Mãos Voluntárias da Comunidade.
- Sua forma freireana de atuar e de ver o mundo interfere, de certo modo, na prática educativa. As colocações sobre o contexto social no qual a instituição está inserida, as abordagens com as crianças, adolescentes e família sempre nos deram instrumentos para melhorar e avançar na relação professor/aluno, Em Cena/comunidade, Em Cena/família. Infelizmente Regina mudou de cidade e não faz mais parte da nossa organização. A sua saída deixou uma lacuna, pois não conseguimos ainda contratar um profissional que realize tão bem o trabalho desenvolvido por ela.

2008 a 2010:

- O projeto de teatro “Agora Eu Sei!” com Érika.
- Este projeto tem como alvo a sexualidade e permitiu aos jovens envolvidos criarem peças de teatro para apresentações em espaços públicos e educacionais, além de criarem dinâmicas para aplicação dos conteúdos em debates com outros jovens.

2009:

- Entrada da professora de dança Valéria Medeiros. Neste momento se fortalece a prática da dança contemporânea na Em Cena. Com um histórico em dança clássica e dança contemporânea, Lela (como é carinhosamente chamada) propõe cada vez mais pesquisas corporais em dança. Não há discordância com nenhum membro da equipe.
- Junto à Mieja Chang, assumem a criação do novo espetáculo: “Amanhã é depois! Hoje é brinquedo!”.
- O processo de criação demandou muitas pesquisas de movimento e, como em qualquer outro momento de criação da Em Cena, deixou a instituição muito envolvida com a montagem desse novo trabalho. Este trabalho circulou até Agosto de 2012.

2010:

- Criação da Cantata de Natal.
- Resultou em um produto artístico que agregou música e dança e, portanto, envolveu os professores destas duas linguagens.
- Por ser uma experiência nova tanto para professores quanto para alunos/as, deixou a equipe motivada com o resultado e avanços conquistados.
- A cantata aconteceu em 2010, 2011 e acontecerá também em 2012.

2012:

- Participação no Programa de Fortalecimento do FICAS, CASA7 e Instituto C&A.
- Acreditamos que, a partir deste momento, avançaremos em várias questões da organização. A equipe está feliz, estudando, abrindo novos horizontes, debatendo, refletindo de maneira positiva sobre essa formação.

Projeto de Formação

Nossa equipe pedagógica contabiliza sete educadores, com diferentes tipos de formação acadêmica. A grande maioria tem curso em Pedagogia ou Licenciatura, direcionando sua prática para a esfera educacional. Outros possuem formação em área totalmente distinta e, sem nenhuma dúvida, são muito competentes e responsáveis sem a devida titulação para sala de aula, nos fazendo acreditar que os títulos recebidos pelas Universidades/Faculdades contribuem bastante para a prática profissional, mas nem sempre garantem qualidade nas ações.

Somos uma ONG que faz intervenção artística, social e cidadã no bairro dos Coelhos, região central da cidade, uma das áreas mais vulneráveis do município do Recife. Essa parte da cidade é a que apresenta o

mais baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, reúne a maior proporção de domicílios pobres e maior índice de desnível série X idade, apesar de estar rodeado de escolas.

Entender esse contexto social é a prioridade para estar atuando profissionalmente na Em Cena Arte e Cidadania. Na nossa equipe, contamos com duas professoras e uma educadora de apoio que são da comunidade e isso faz realmente um diferencial quando queremos entender alguns aspectos, como por exemplo: organização da comunidade, famílias, tráfico de drogas, violência, entre outros aspectos.

O Projeto de Formação é construído a partir desse momento de reflexão e contribuição com o Ficas, Instituto C&A e a CASA7. Antes não havíamos registrado um documento sobre a formação de educadores de maneira complexa. Na nossa prática diária vamos norteando as ações artísticas e pedagógicas, lendo e discutindo textos, socializando saberes, estratégias de atuação em sala, sem seguir com um planejamento específico. Compreendemos a necessidade de obter esse documento a partir do momento atual, pois acreditamos que a organização vai se fortalecer internamente.

No entanto, antes de chegar a este projeto, gostaria de relevar o nosso posicionamento quanto ao conceito de FORMAÇÃO. Para nós da organização, acreditamos que esses projetos contribuem para o crescimento da prática pessoal, levantando problematizações, norteando e atualizando alguns caminhos, mas não chega a formar ninguém, apenas a contribuir. Seria um tanto pretensioso dizer que, ao final dos nossos encontros pedagógicos, formamos o professor. A formação nunca chega ao fim, nunca cessa, pois o conhecimento não é estático, é sempre dinâmico. Desta forma, o projeto de formação para nós pode ser entendido mais como uma *contribuição* acerca do conhecimento do que uma *formação* no sentido epistemológico da palavra.

Nossa equipe

Equipe	Função
Amilca Aniceto	Professora de música
Betânia Gonçalves da Silva	Coordenadora de Desenvolvimento
Juliana Gueiros	Educadora de sexualidade e drogas
Ketully Leal	Professora de dança
Mieja Chang	Professora de dança e coreógrafa
Valéria Medeiros	Professora de dança e coreógrafa
Maria do Carmo	Professora de Humanidades
Maria do Carmo Rodrigues	Educadora de Apoio

Objetivos e metas

O projeto tem por objetivo geral contribuir para o fortalecimento da atuação dos professores nas suas atividades de planejamento, execução, monitoramento e avaliação. No entanto, indo mais além, sabemos que não basta apenas cumprir com as questões meramente técnicas. Precisamos fazer com que toda a equipe entenda a educação em um contexto mais amplo, ultrapassando a fronteira dos conhecimentos específicos. É pertinente compreender a realidade social dos nossos alunos, respeitar os ritmos individuais e a diversidade existente, além de perceber como essas fragilidades reverberam na vida deles. Há a necessidade de estar sempre fomentando um pensamento crítico em todas as esferas que dizem respeito à vida sociocultural e cidadã e, por estas questões, não devemos amarrar nossas atenções somente aos procedimentos de sala de aula. Acredito que a meta é instigar os professores a ir além e que, por extensão, a nossa prática artística, educacional e cidadã reflita na família e na comunidade.

Expectativas de aprendizagem no trabalho com educadores

- Sejam capazes de repassar o conhecimento específico de maneira lúdica, responsável e comprometida com @s alun@s.
- Planejem suas atividades e conteúdos específicos dentro do contexto da instituição.
- Tenham conhecimento das fases do desenvolvimento da criança/adolescente para que haja coerência e pertinência nos objetivos propostos.
- Desenvolvam materiais didáticos próprios com o perfil da instituição.
- Analisem materiais didáticos adquiridos no mercado à luz das filosofias de trabalho da instituição.
- Transformem o dia-a-dia de suas salas de aula em objeto de pesquisa e reflexão constante.
- Saibam acessar fontes de conhecimento (pessoas, livros, DVDs etc.) da sua disciplina para manter-se atualizado/a.
- A se reconhecerem como sujeitos de transformação da realidade e da criação de uma vida com qualidade para si e para os outros.

Expectativas de aprendizagem no trabalho com crianças e jovens

- Adquiram conhecimento técnico das linguagens artísticas desenvolvidas na organização.
- Saibam ler e escrever (sejam letrados).
- Possam agradecer o que tem (bens materiais, suas famílias etc.) de forma crítica, ou seja, percebendo o que deve ser mudado/desenvolvido/implementado para que tenham uma vida com mais dignidade.
- Consigam acessar (sem que essas fontes se tornem donas da verdade) informação de diversas fontes: TV, livro, computador, revista etc.
- Sintam-se como membros da Em Cena Arte e Cidadania (tenham um sentimento de pertencimento a alguma coisa e que não estão sozinhos/as no mundo).
- Consigam aprender com o passado, viver bem o presente e imaginar o futuro.

Conteúdos de formação

- Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget, noções da pedagogia Waldorf: três primeiros setênios (teoria e exemplos práticos).
- Atividades lúdicas na educação da criança.
- O adolescente - seus conflitos e suas capacidades produtivas e criativas.
- A realidade social das nossas crianças e as formas possíveis de intervenção.
- Como lidar com a diversidade dos alunos/as.
- Como utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula.
- Planejamento e organização do ensino.
- Avaliação: por que; para que e para quem.

Etapas de desenvolvimento

As pautas de formação presentes nesse projeto são extensas e abrangentes. Por isso, para ser colocada em prática, ela obedecerá à seguinte pré-etapa:

- 1- Reflexão sobre a missão, visão de futuro e valores da Em Cena Arte e Cidadania.
- 2- Baseado nas reflexões sobre o tema acima, estudaremos que tópicos desse projeto de formação devem ser trabalhados primeiro. Os educadores em conjunto vão analisar os tópicos propostos e vão definir a ordem que eles devem ser trabalhados dentro da instituição. Essa definição será feita em grupos de educadores que, ao fazerem suas propostas, devem defender suas ideias. Assim podemos já fazer uma análise das necessidades apontadas pela coordenação pedagógica sob o ponto de vista dos educadores. Além de escolherem os tópicos entre os sugeridos nessa proposta, eles poderão sugerir outros tópicos, a serem inseridos ou guardados para outro momento.
- 3- Após a fase de definição, vamos juntos definir em quais temas temos *expertise* na própria equipe. Ou seja, para quais desses tópicos somos capazes de fazer estudos e discussões entre nós mesmos (e por nós mesmos) e para quais tópicos será necessário convidar pessoas para apresentar o assunto, fazer dinâmicas, orientar, facilitar uma roda de diálogo etc. Após esse levantamento, será feito um calendário e definido quais educadores ficarão responsáveis pelas intervenções e/ou convidar um especialista na área desejada.
- 4- As ações propostas devem sempre ser analisadas à luz de nossa prática e da realidade em que atuamos.
- 5- As atividades obedecerão ao calendário proposto com a finalização de um processo de avaliação.

Tempo de duração

A aplicabilidade dos conteúdos iniciará em fevereiro e terminará em dezembro, com pausa no mês de julho (recesso). Nossos estudos deverão acontecer uma vez ao mês, durante toda a tarde, e não haverá atividades para as crianças e adolescentes neste dia. Acreditamos que durante este tempo, o professor será capaz de assimilar e adquirir conhecimento de forma mais consistente, buscando no seu processo de ensino o tripé ação-reflexão-ação.

Material

Sala com cadeiras e mesas, papel, canetas, som, televisão. Os textos que serão utilizados para estudo se aplicarão de acordo com: 1) a necessidade dos professores; 2) a ideia de provocar e autoavaliar a prática pedagógica; 3) que contribuam de alguma forma com o crescimento pessoal da equipe.

Avaliação

A avaliação do projeto estará baseada e direcionada para o professor e sua atuação em sala de aula. Após a intervenção do Coordenador Pedagógico com estudos, reflexões e problematizações, a ideia é poder identificar os aspectos de crescimento da equipe. Este processo se dará através da observação dos professores nos seguintes aspectos: 1) compromisso e respeito com os alunos; 2) compromisso na entrega do material de planejamentos mensais e tarefas; 3) atuação na sala de aula, buscando novas dinâmicas e criatividade; 4) assimilação dos conteúdos estudados; 5) autoavaliação e avaliação do Coordenador Pedagógico.

Nesta autoavaliação, algumas perguntas poderão nortear o professor, quais sejam:

- Que diferenças você percebeu na sua prática cotidiana?
- Onde percebeu que sua prática apresentou mudanças mais significativas?
- Qual dificuldade pessoal encontrou para realizar determinadas tarefas?
- Acredita que apresentou domínio entre o objeto de estudo (teoria) e a prática?
- Dê sugestões para melhorar os aspectos menos positivos.

Registro de sala de aula

Professora: Mieja Chang

Turma: C (10 e 11 anos)

Local: sala de dança da Em Cena Arte e Cidadania

Número de crianças presentes: 11

Este registro refere-se à aula de dança ocorrida no dia 25 de setembro de 2012.

As crianças chegaram à sala de aula bem agitadas, pois na semana passada tivemos a surpresa da entrada de um menino (sexo masculino) nesta turma e como isso ainda é raro, causa uma agitação geral. É o primeiro menino a entrar nesta turma e é fruto de uma campanha que iniciamos na comunidade para buscar bailarinos.

Peço silêncio, tento organizar as crianças nos seus lugares para dar início à aula. Após conversar um pouco, inicio os exercícios. A primeira parte da aula é no chão, onde são praticados exercícios de fortalecimento muscular e alongamento.

Reclamo que já vi aulas melhores, que não estão esticando as pernas e peço para realizarem melhor o exercício. Questiono: *“Como vão passar para a próxima turma se não sabem esticar as pernas direito? Como vão para o palco?”*. Nesse momento, há um silêncio. Parece que a frase dá efeito, nem que seja por alguns instantes. Os elogios também são bem vindos. Elogio mesmo quando estão mais ou menos. Ninguém

aguenta viver na reclamação! Muito menos em aulas de balé clássico! Muito menos com crianças! Desta forma, falo “*muito bem!*” e “*melhorou bastante!*” para o grupo, após a bronca dada anteriormente.

Na parte da barra, segue o que já está planejado para o dia. Algumas meninas tiram a sapatilha, dizem que não gostam. Falo que o pé vai se acostumar e que a sapatilha faz parte do uniforme da bailarina. Colocam de volta no pé, mesmo sem querer.

Algumas alunas me pareceram bem concentradas, outras mostram um olhar distante... Preciso dar uma entonação diferente na minha voz para cada momento, pois acredito que isso influencia no andamento da aula. Elas acordam. Voltam ao foco, que no caso, sou eu, a música, a sequência de passos. Chegam cansadas da escola...

Erick (novato) não fez a parte da barra, fez só o chão. Disse que “*não faz isso não!*”. Preferi deixar ele se sentar, até se acostumar com a aula, quebrar a vergonha e o preconceito. Sem problemas. Essa é a primeira aula dele comigo. Preciso conhecer a família, saber se ele gosta daqui, o que ele quer fazer e o que a família espera de nós. O grupo não demonstrou nenhuma indignação quanto à minha atitude. Continuaram a realizar o que lhes era pedido, o que me leva a refletir sobre o respeito aos limites do outro. As meninas entenderam que é difícil (ou estranho?) para Erick, pois também é para elas mesmas! Se eu, professora, olhar para esses mínimos detalhes, essas pequenas atitudes, acredito que estaremos construindo algo de muito positivo no grupo.

Na aula de hoje não consegui dar a parte do centro. Pela excitação das meninas. Que alvoroço danado!

Pedi para que se organizassem para sair. Colocaram seus sapatos e foram, em fila, para a aula de música.

Síntese (ou o final da conversa!)

A síntese aqui exposta refere-se à *construção* do Projeto de Formação de Educadores, bem como à ideia de implementá-lo neste ano de 2013. Conforme já explicitado no decorrer das tarefas, a Em Cena Arte e Cidadania ainda não tem um projeto que foque exclusivamente o professor. Nossos encontros mensais ocorrem de maneira informal, onde são discutidas algumas particularidades das crianças atendidas, mudanças de horário, atividades, enfim, assuntos que dizem respeito ao bom funcionamento da organização. Assim sendo, o primeiro passo foi construir o Projeto de Formação.

Com o projeto em mãos, o momento agora é saber *como* introduzir o Projeto de Formação Permanente na organização e se há espaço para isso. De acordo com Betânia Gonçalves (coordenadora de desenvolvimento), há espaço e interesse, no entanto, há também a necessidade de se criar uma cultura de estudo no local do trabalho, pois, segundo ela, a maioria das pessoas demonstra certa falta de energia para fazer isso no local de trabalho. Diz ela: “*a minha sensação é que antes de começarmos (o projeto) propriamente dito é preciso ler as propostas com todo mundo e criar uma nova cultura, que é o estudo coletivo no local de trabalho*”.

Durante a sua fala, percebe-se que há consciência da importância do projeto na organização, melhorando a qualidade do trabalho desenvolvido com as crianças e adolescentes, além do melhor entendimento das particularidades e necessidades de cada disciplina. Mas sente também o receio de que as pessoas

envolvidas na organização coloquem esse espaço para estudo em segundo plano no grau de importância no trabalho e com isso gere um desconforto para quem esteja conduzindo o Projeto.

E agora?

Acredito que o momento seja o de conversar com toda a equipe e perceber a importância dos encontros pedagógicos para a organização. Analisar os ganhos em termos de conhecimento e amadurecimento profissional. A minha recomendação é refletir! Pois a reflexão resulta em aprendizagem, que sugere novas propostas, novos horizontes, ampliando o nosso olhar.

Ainda há muito que aprender. E a errar também, pois os erros são fundamentais para o nosso crescimento. Ainda não sei se vamos conseguir ter o Projeto de Formação neste 1º semestre de 2013. Mas as portas se abriram e a felicidade nunca bate em portas fechadas!

5. Fundação Fé e Alegria Brasil – Unidade Pernambuco

DESCRIÇÃO DA PRÁTICA: FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Geize Araújo e Marianna Rocha

Contexto da organização

A Fundação Fé e Alegria (FyA) surgiu no estado de Pernambuco em 2008, em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco, com o propósito de articular o desenvolvimento de ações que pudessem mudar os princípios e aprendizagens dos processos de educação formal superior e as concepções da educação não formal e popular. Hoje essa parceria é traduzida pelos frutos colhidos através dos resultados alcançados pelos usuários e suas famílias que são atendidos direta e indiretamente nas ações do FyA, com a ampliação do universo intelectual, profissional, informacional, cultural, sociais e afetivo. Diante desse contexto, compreendemos que as atividades do processo de formação pedagógica, iniciadas em fevereiro de 2008, sempre contribuíram para a sustentabilidade de todas as ações propostas no Projeto Amigos do Saber, na medida em que possibilitam à nossa equipe o fortalecimento da formação inicial, continuada e permanente dos educadores sociais envolvidos nas ações.

Grandes marcos no processo de formação de educadores / Linha do tempo

- **Jan 2008:** Composição da Equipe Multidisciplinar do FyA e início das atividades do projeto.
- **Fev 2008:** Início do processo de formação inicial e continuada.
- **Mar 2008:** Implementação das atividades do Projeto Amigos do Saber em Pernambuco.
- **2009:** Ampliação da estrutura física da sede.
- **2010:** Ampliação no quadro de funcionários.
- **Abr/Mai 2011:** Introdução de temáticas atreladas à Educação em Valores (autoestima, autoimagem, autoconceito, identidade, visão destemida do futuro, projeto de vida).
- **Jul/Ago 2011:** Institucionalização da Equipe Gestora.
- **Jan 2012:** Contratação dos Educadores Sociais.
- **Ago 2012:** Composição do Conselho Pedagógico.

Papel do coordenador pedagógico

O Coordenador Pedagógico é o responsável pelo processo de formação dos educadores. Pauta o seu trabalho na observação de tudo o que acontece no espaço educativo e na busca pela conquista da equipe de trabalho, desmistificando a ideia de que o pedagogo só está ali para chamar sua atenção e atrapalhar o seu trabalho - legado oriundo da rigidez e descontextualização com as quais alguns coordenadores atuam, ignorando as experiências e as fragilidades vivenciadas pelos docentes. Contudo, as vivências de sala de aula, as dúvidas, os avanços, as conquistas representam elementos importantes para a troca de experiências nas formações, tornando-se um espaço composto por experiências ricas e construtivas para os agentes envolvidos.

Além de organizar os momentos de formação, de saber observar as reações, os anseios e valorizar o trabalho dos educadores, o coordenador pedagógico deve monitorar e avaliar a realização das atividades, apoiando a equipe e encorajando-os a irem além das expectativas, tendo com ferramenta a indicação de textos, artigos, filmes, livros que poderão auxiliá-los nesse processo de formação continuada e permanente.

Projeto de formação de educadores

Justificativa:

As atividades do processo de formação pedagógica contribuem para a sustentabilidade de todas as ações propostas no projeto, na medida em que possibilita o fortalecimento da formação inicial, continuada e permanente dos educadores sociais. A profissionalização do educador social é processual, enquanto ser íntegro, entusiasta, dinâmico, sensível, alinhado e comprometido com a missão e os princípios que orientam a proposta educativa da Fundação Fé e Alegria Brasil, em uma ação efetiva e eficaz, na dependência direta do desenvolvimento da competência humana, técnica e política. Os princípios pedagógicos em que Fé e Alegria fundamenta suas ações, originam-se da prática engajada que se concretizará a partir de importantes dimensões da pessoa do educador, apontando também a garantia da formação permanente dos seus docentes, para que possam responder às necessidades explicitadas pela proposta pedagógica que deseja transformar as diversas áreas de atuação: Educação Formal, Educação Não Formal, Desenvolvimento Comunitário, Formação de Educadores Populares, Comunicação e Ação Pública.

Assim, a proposta de formação pedagógica tem caráter de transformação *a partir dos, pelos e com* os educadores sociais, a partir da sua prática educativa, implicando necessariamente a opção por uma metodologia de trabalho que garanta o protagonismo dos sujeitos envolvidos, cabendo ao educador, desde logo, o papel daquele que faz a mediação, promove reflexões, desafia, provoca e apóia. Define-se, assim, um jeito peculiar de fazer, porque há uma finalidade especial a atender: a transformação, protagonizada pelos próprios sujeitos envolvidos. Este é o jeito de fazer da educação popular. As características dessa metodologia inscrevem-na em uma denominação generalista de metodologia da problematização. Seus pressupostos são amplamente reconhecidos nos fundamentos teóricos de Paulo Freire.

Assumir a metodologia da problematização na proposta de formação pedagógica a partir da prática dos educadores requer rigorosidade metódica (FREIRE, 1997), o que favorece o tratamento interdisciplinar dos conteúdos, com diversas formas (tratamento temático, área de conhecimento, projetos transdisciplinares), especialmente na educação popular, pois, sendo a realidade o seu ponto de partida, esta nunca se apresenta de forma (uni)disciplinar.

A pedagogia freireana só pode ter essa identidade se for capaz de se recriar em situações inéditas. Dependendo da área de atuação em que os educadores populares estejam inseridos, em determinados momentos algum dos passos que a constituem pode requerer maior ou menor ênfase. Igualmente, é recomendável lembrar que a metodologia da problematização é referida também como pedagogia problematizadora (Paulo Freire) e, sob este ponto de vista, pode ser vivenciada por meio de outras formas e estruturas didáticas além da apresentada anteriormente, como, por exemplo, a do desenvolvimento de projetos de formação pedagógica.

Caracterização dos educadores

A equipe de educadores do FyA é composta por trinta estagiários, estudantes de licenciatura, contratados nos moldes da Lei de Estágio nº 11.788, por onze meses, com carga horária de vinte horas semanais, sendo doze horas destinadas ao trabalho em sala de aula e nas bancas de estudo, e oito horas para o planejamento e pesquisa individual e em grupo. Além de seis educadores sociais, funcionários CLT da instituição, graduados e graduandos em licenciatura, também com carga horária de vinte horas semanais, atuam como educadores sociais nas ações e atividades socioeducativas, além de acompanhar e orientar os grupos de estagiários por áreas do conhecimento no desenvolvimento das suas práticas educativas. Além da equipe pedagógica que é composta pela coordenadora pedagógica e pelos responsáveis pelas ações desenvolvidas no projeto, pedagogas e um educador social. Completa a nossa equipe a assistente social, a psicóloga, o professor de língua estrangeira e informática, os instrutores de dança e música, o auxiliar de serviços gerais e a auxiliar administrativa.

Objetivos

Contribuir com o processo de formação inicial, continuada e permanente dos estagiários e educadores sociais, em prol da sustentabilidade das ações socioeducativas, a partir de uma abordagem dialógica. Proporcionar espaços que promovam o desenvolvimento da autonomia intelectual e profissional na perspectiva de uma prática voltada para a educação popular atrelada aos princípios da educação em valores, da justiça e transformação social.

Metas

- Realização de treze encontros temáticos voltados para atividades socioeducativas que promovam o debate e a reflexão de conceitos relacionados com a práxis educativa e a educação em valores.
- Acompanhamento sistemático das ações educativas, na perspectiva da evolução dos estagiários e educadores, no decorrer das atividades socioeducativas.

Conteúdos da formação

- Competências vinculadas ao saber fazer, saber ser e saber conviver.
- Identidade profissional - O papel do educador na sociedade.
- Relações interpessoais - Educador/aluno e educador/educador.
- Condição de ser humano consigo mesmo e na relação com os outros.
- Autoestima, autoimagem e autoconceito.
- Metodologia - conceitos e instrumentos.
- Didática - conceito e ferramentas.
- Planejamento.
- Avaliação - conceito, estratégia e função.
- Tematização a partir da prática - vivências.

Etapas de desenvolvimento e tempo de duração

1º momento: Partilha das vivências da prática pedagógica- cerca de 30 min.

2º momento: Atividades e temas voltados para a educação em valores - aproximadamente 1h e 30min.

3º momento: Intervalo - cerca de 20 min.

4º momento: Tematização da prática educativa - aproximadamente 1h e 30min.

Observação: essa ordem não é estática, podendo ser alterada conforme as necessidades; contudo, é importante que cada etapa seja preservada.

Etapas do processo de tematização da prática educativa

1º encontro de formação (fevereiro):

- Apresentação do grupo (formação e experiências profissionais).
- Explanação geral sobre procedimentos metodológicos, planejamento, avaliação atrelados à prática educativa em Fé e Alegria (esses temas serão introduzidos e, ao longo do ano, abordados com mais detalhes).
- O papel social do educador.

2º encontro de formação (março):

- Metodologia: conceitos e instrumentos.
- Elaboração das fichas e planos de aula e de ensino.

3º encontro de formação (abril):

- Planejamento da prática educativa.

4º encontro de formação (maio):

- Didática - conceito, ferramentas e descrição dos recursos.

5º encontro de formação (junho):

- Avaliação - conceito, estratégia e função.

6º encontro de formação (julho):

- Atividades avaliativas sobre a prática educativa.

7º encontro de formação (agosto):

- Ética profissional.

8º encontro de formação (setembro):

- Ludicidade no desenvolvimento da prática educativa.

9º encontro de formação (outubro):

- Processo de ensino e aprendizagem.

10º encontro de formação (novembro):

- Perspectivas e planos para o futuro.

Materiais e recursos necessários

Um computador, um data show, uma caixa de som, um micro system, duas resmas de papel ofício, uma caixa de piloto para quadro branco, dois apagadores para quadro branco, dois grampeadores, duas caixas de grampos 26/6, duas caixas de clips, um extrator de grampos, um pen drive de 8GB, vinte cartolinas, duas fitas adesivas 4,8cm x 50m, três caixas de pincéis atômico, dois sacos de bexigas coloridas, dois rolos de barbante, um caderno de capa dura grande com 96 folhas, uma caixa de marcador de texto, uma caixa de canetas, dois blocos adesivo Post 76x102, cinco cartuchos de tinta para impressora preta, três cartuchos de tinta para impressora colorida, um perfurador de papel.

Avaliação

A formação pedagógica busca assumir a avaliação como sendo intrinsecamente ligada a um planejamento participativo, dialético e dialógico. É através dessa avaliação dialógica e formativa que os objetivos, estratégias e conteúdos são revistos, propiciando ao educador e ao próprio grupo envolvidos elementos que os tornem mais conscientes, críticos e competentes em relação ao seu papel de agentes de mudança.

As ações são realizadas na perspectiva da criação de uma relação integralizadora, no sentido de garantir, proporcionar a articulação do desenvolvimento e formação global, nas diferentes formas de expressão na vida sociocomunitária dos participantes. O planejamento sistemático, realizado no início do ano e a cada unidade temática, nos ajudam a orientar e comandar o acompanhamento do desempenho na prática educativa. Buscamos identificar as necessidades de intervenção, trocamos informações sobre a atuação e evolução dos educadores nas reuniões das equipes, a fim de assegurar a qualidade do trabalho socioeducativo significativo, apoiado na reflexão e transformação da realidade educativa.

Utilizamos como instrumentos para a avaliação: os planejamentos e a programação das atividades; as fichas de frequência; elaboração do material docente (planos de ensino, aulas, fichas); participação em

eventos acadêmicos; produção de materiais pedagógicos; fichas e sistematização das avaliações dos usuários sobre a prática dos educadores.

Etapas de desenvolvimento / Registros

A Formação Pedagógica que realizamos em agosto de 2012, abordou eixos temáticos que surgiram a partir dos resultados da avaliação que realizamos no final de julho de 2012 com os educadores, quando buscamos investigar se os temas abordados nas formações no primeiro semestre desse mesmo ano estavam contribuindo com o processo da prática educativa e os resultados foram satisfatórios. Solicitamos, ainda, que eles pudessem indicar os temas que necessitavam compreender mais e a lista produzida apresentava o tema “práticas inovadoras em sala de aula” como sendo um dos mais solicitados. Assim, convidamos a professora Marisa Sposito (Professora da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP) para explicar alguns aspectos relevantes a esse tema.

A professora utilizou alguns recursos didáticos para fundamentar a sua fala, como a letra e a melodia da música “Esquados”, interpretada por Adriana Calcanhoto, além de computador, data show, imagens e a leitura dessas imagens, para questioná-los, escutá-los e problematizar os argumentos, como estímulo para que o grupo participasse e interagisse a partir de suas dúvidas e experiências em sala de aula. Com esses elementos, Marisa refletiu com o grupo sobre o que eles falaram, remetendo há algumas metodologias e práticas que são usadas comumente em sala de aula, cultivando a construção do aprendizado por parte do aluno e, ao final da apresentação expositiva, foi aberto o debate para partilhar o que foi assimilado. Um dos educadores questionou sobre os meios para avaliar o conhecimento apreendido pelos usuários e a professora ressaltou a importância de um bom planejamento das atividades, para que os objetivos e resultados elencados possam ser os indicadores desse processo de construção do conhecimento.

Dias após essa formação, solicitamos que dois educadores do FyA registrassem suas práticas educativas para que pudéssemos acompanhar e compreender como os temas abordados na formação repercutiram no cotidiano da equipe e em suas práticas. Um deles é o Paulo Cardoso, educador de linguagem que ministra aulas de produção e interpretação de texto para alunos do curso pré-acadêmico, usuários que irão fazer o ENEM e os vestibulares das universidades do estado. Em seu registro, ele destaca que para alcançar o objetivo de analisar as estratégias de argumentação utilizou o vídeo “A história das coisas”, que tem o consumismo como temática principal. Destacou ainda que percebeu, durante a exibição do vídeo, que a maioria dos alunos se interessava pelo tema proposto, contudo mencionou: “percebi desinteresse por partes de alguns (externadas com sono, desatenção e conversas paralelas) e acredito que essa postura tenha relação ao conteúdo hermético do vídeo, além do cansaço habitual apresentado nas aulas dos últimos horários”.

O registro nos remete à compreensão da importância de refletirmos bem antes de escolher o tipo de recurso a ser utilizado e a linguagem abordada para que os objetivos sejam alcançados. Os recursos audiovisuais são um dos mais utilizados porque aguçam os nossos sentidos de captação, auxiliando na aquisição de conhecimentos e apreensão de informações, a audição e a visão. Contudo, quando o conteúdo ou a linguagem não são adequados ao público que queremos alcançar, o sentido da sua

utilização desaparece. Assim, vale a pena procurar outros recursos e meios que favoreçam o alcance dessa compreensão dos conteúdos.

O educador Ednaldo Menezes fez o registro da sua prática no mesmo contexto, espaço físico e público que o registro do Paulo, contudo abordou os temas “Karl Marx” e “Agrupamentos Sociais”, por ser ele o responsável pelas disciplinas de filosofia e sociologia. Mencionou em seu registro: “O desenvolvimento da proposta da aula de Karl Marx deu-se pela exposição teórica do tema, com o apoio de alguns recursos didático-pedagógicos, tais como pincel, quadro, data show, notebook e ficha de apoio”.

Existem inúmeros meios e recursos que podem ser utilizados nas aulas, com resultados comprovadamente positivos como aponta RONCA & ESCOBAR, 1984. Contudo, é perceptível que alguns professores têm uma tendência a adotar métodos mais tradicionais de ensino, por receio de inovar ou por não abstrair o seu fazer com elementos inovadores. O relato do Ednaldo descreve os recursos básicos que normalmente são utilizados em aulas expositivas, contudo não se desfaz o mérito nem o fato de que aulas assim também alcancem seus objetivos. Contudo, o processo de ensino-aprendizagem deve ser motivador e estimulante, cabendo ao educador facilitar a construção do processo de formação, estimulando no aluno a curiosidade, o desejo pela aprendizagem e pelo conhecimento.

Dessa forma, compreendemos que o tema “práticas inovadoras em sala de aula”, abordado na formação, deverá estar presente nos próximos encontros, para que possamos ampliar ainda mais os saberes sobre a utilização desses recursos.

Conteúdos de aprendizagem

O processo de elaboração da síntese, acrescida das discussões e aprendizagens construídas ao longo do processo das Oficinas de Sistematização promovidas pela CASA7, nos permitiu alcançar algumas proposições para o aprimoramento das ações de formação continuada dos educadores do FyA. Ansiamos para que essas aprendizagens possam contribuir para o desenvolvimento profissional e emocional da nossa equipe e daqueles que venham a ter acesso a esse material, na perspectiva de vislumbrar os educadores como sujeitos ativos, capazes de assumir o papel de especialistas em processos de ensino-aprendizagem, profundamente comprometidos com as pessoas que se encontram sob seus cuidados nos espaços educativos. Nesse sentido, a função da Formação Continuada não é nem a de centrar-se apenas no domínio dos conteúdos, nem a de focar apenas as características pessoais dos docentes. É preciso ter outras metas interligadas: acentuar as atitudes positivas dos educadores diante de sua profissão, o espaço onde atuam, o público atendido e suas famílias, ampliando sua consciência ética; revitalizar a luta por melhorias na situação de trabalho, dando ênfase a um maior envolvimento político; e, ainda, estabelecer novos padrões relacionais com a Equipe Gestora, com seus pares e com a comunidade, para que a gestão democrática possa se tornar uma realidade.

Assim, ponderamos que a Formação Continuada deve ter uma proposta clara de ação, para que não seja vista de forma compensatória. Ela deve ser prospectiva e fazer com que o educador ganhe em autonomia e reflita, inclusive, para opinar em que aspectos e de que modo precisa aprimorar-se. É preciso desenvolver planos de ação pública que formem e fortaleçam, em conjunto, o grupo e a equipe gestora, além de atuar em rede com outros seguimentos do setor e a própria comunidade, através da mobilização

popular. E também entrar em contato com os novos conhecimentos do campo educacional e social, trazendo o debate acadêmico, científico para o interior dos centros educativos, investindo na socialização de experiências de sucesso sobre formação continuada e práticas educativas. Sem esquecer a contribuição para ampliar o universo cultural dos educadores, o tempo dedicado às ações de formação e incentivando e apoiando novas práticas educacionais, submetendo-as ao debate crítico no âmbito das redes.

Referências bibliográficas

MEIRELLES, Cristina. “Avaliação e sistematização de experiências”. In: OTERO, Martina Rillo (org.). Contexto e prática da avaliação de iniciativas sociais no Brasil: temas atuais. São Paulo: Peirópolis, 2012, p. 151-164.

Equipe formação CASA7

Cristina Meirelles

Liliana Sousa e Silva

Apoio

Gleide Morais